

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO” (UNESP)  
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO (FAAC)  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO**

**RENAN IAZDI DERCOLES**

**A ATUAÇÃO DAS FAKE NEWS E DA GUERRA AO TERROR NA POLÍTICA  
INTERNACIONAL**

**BAURU – SP  
2018**

**RENAN IAZDI DERCOLES**

**A ATUAÇÃO DAS FAKE NEWS E DA GUERRA AO TERROR NA POLÍTICA  
INTERNACIONAL**

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP de Bauru, a ser usado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

Orientador do projeto experimental:  
Professor Doutor Maximiliano Martin Vicente

**BAURU – SP  
2018**

**RENAN IAZDI DERCOLES**

**A ATUAÇÃO DAS FAKE NEWS E DA GUERRA AO TERROR NA POLÍTICA  
INTERNACIONAL**

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP de Bauru, a ser usado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

Orientador do projeto experimental:  
Professor Doutor Maximiliano Martin Vicente

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente

---

Prof. Dr. Carlo José Napolitano

---

Prof. Dr. Marcelo Concário

**Bauru – SP  
2018**

*Principalmente aos meus antepassados que não deixaram sua cultura morrer e às gerações perdidas no Oriente Médio, por interesses escusos, a perpetuação de privilégios e a imposição de padrões. Também aos jornalistas que perderam suas vidas buscando transformar áreas subjugadas e a todos que lutam diariamente contra o sistema vigente, não se acomodando a ver a banalização do sofrimento humano, e sendo assim, minha inspiração. Sem seus esforços e coragem a verdade seria propriedade dos poderosos.*

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer a todos que me apoiaram durante a produção do projeto. A minha família por ter me dado a oportunidade de ter realizado um projeto de minha escolha; a todos os acontecimentos em minha vida que me levaram a esse caminho e as pessoas que se esforçam para fazer a diferença em lutas que inicialmente não as pertencem. Especialmente gostaria de agradecer o meu orientador, Maximiliano Martin Vicente, pelo suporte e compreensão durante todas as dificuldades, e os amigos que compartilharam momentos especiais durante toda a graduação.

*“O futuro não está escrito.”*

(Joe Strummer)

## RESUMO

Buscando entender o fenômeno recente das fake news esse projeto tem como objetivo entender como as notícias participam das relações de poder criadas no século XXI, especificamente no Oriente Médio, região que vive em um intenso conflito com influência determinante dos Estados Unidos desde 2001, após o atentado de 11 de setembro de 2001. Para tanto utilizamos teorias sobre a produção da notícia assim como também abordamos como se configuram as fake news. Com a explicação sobre a chamada “Guerra ao Terror”, foi possível entender como os conflitos e os interesses se desenvolveram nessas áreas durante décadas. O foco da pesquisa foi concentrado no jornalismo digital, pois a propagação das fake news acontece por vias alternativas do jornalismo tradicional, sendo os principais meios de divulgação: as redes sociais e os aplicativos de mensagens. O trabalho conclui que existiu uma influência das fake news para inflar o populismo e ufanismo durante as eleições presidenciais estadunidenses em 2016, o que funcionou de maneira parecida com a divulgação de dados mentirosos por Bush em 2003 e durante os ataques em Damasco em abril de 2018, já após a eleição de Trump.

**Palavras-chave:** Jornalismo. Comunicação. Fake news. Oriente Médio. Estados Unidos. Guerra ao Terror.

## **ABSTRACT**

Seeking to understand the recent phenomenon of the fake news, this project aims to understand how the news participates in the power relations created in the 21st century, specifically in the Middle East, a region that lives in an intense conflict with a decisive influence of the United States since 2001 after the 9-11 attacks. The monograph format allows the use of communication theories to analyze news production and also understand the production of fake news. With an explanation of the governments affected during the so-called "War on Terror", it became possible to understand how the conflicts developed and why is the interest of the Western powers in which areas for decades. The focus of this research was on digital journalism, because the spread of fake news happens through alternative ways of communication, being the main means of dissemination: social networks and message apps. We can conclude that was an influence of fake news to inflate populism and nationalism during the US presidential elections in 2016, which worked in much the same way as the disclosure of false data by Bush in 2003 and during the air strikes in Damascus in April 2018, already after the election of Trump

**Key words:** Journalism. Communication. Fake news. Middle East. United States. War on Terror.



## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Mapa com a concentração de xiitas e sunitas no Oriente Médio .....	37
<b>Figura 2</b> - Mapa demonstrando o fluxo de refugiados sírios em 2013 .....	41
<b>Figura 3</b> - Mapa político do Oriente Médio .....	42
<b>Figura 4</b> - Mapa dos dutos de transporte de gás e petróleo no Oriente Médio .....	49

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2. O PAPEL DO JORNALISMO E A TEORIA DA NOTÍCIA</b> .....	15
2.1 A situação da imprensa no Brasil.....	22
<b>3. AS FAKE NEWS E OS FORMADORES DE OPINIÃO</b> .....	24
<b>4. OS CONFLITOS GLOBAIS</b> .....	33
4.1. O início da guerra ao terror e a invasão do Afeganistão .....	33
4.2. A invasão do Iraque e a Blackwater .....	35
4.3. A guerra civil síria e o ISIS .....	39
4.4. Definição de terrorismo .....	43
<b>5. AS FAKE NEWS NAS ELEIÇÕES RECENTES DOS ESTADOS UNIDOS</b> .....	45
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	52
<b>7. REFERÊNCIAS</b> .....	54

## 1. INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem objetivo de analisar, por meio de uma monografia, as relações existentes entre os conflitos em países subjugados no século XXI e as propagações das fake news por líderes mundiais e políticos, especificamente nas redes sociais. Busca-se entender onde os dois assuntos se conectam, e se existem padrões pré-determinados para a veiculação de notícias sobre conflitos, com o intuito de permitir a postagem de alguma informação deturpada.

O tema foi escolhido visando diminuir a opressão dos povos do Oriente Médio e informar sobre a realidade cultural e social desses povos, sempre deixada num segundo plano pelas publicações de mídia massiva. A visão estadunidense é propagada sem questionamento e contém diversos interesses por trás das informações transmitidas, causando uma desinformação coletiva em todo o ocidente, e assim, diminuindo a importância sociocultural de temas relacionados aos povos do Oriente Médio, árabes ou não.

Como lembra Manuel Castells (2015), no livro *O Poder da Comunicação: A crise da democracia representativa abriu espaço para a política do escândalo como o principal modo de luta pelo poder. O escândalo é uma das faces da espetacularização que tudo simplifica para melhor atrair as atenções. Nada é mais fake do que o combate as fake news nas eleições. Na verdade, os riscos de censura e de perseguição política dos discursos não alinhados com o poder vigilante é demasiadamente grande. Empiricamente, constato que a democracia convive com grandes mentiras, mas não sobrevive à censura. Basta ver os Estados Unidos: eles sobreviveram a Era Bush e sua desastrosa invasão do Iraque em busca de armas químicas baseada em fake news.*

Os Estados Unidos utilizaram-se de uma justificativa que se provou mentirosa para espetacularizar e viabilizar a invasão ao Iraque. Mais tarde, Saddam Hussein foi enforcado pela justiça do próprio Iraque, após acusações de assassinar xiitas no país na década de 1980 e não pela posse de armas químicas. Porém, Saddam teve apoio estadunidense para combater o Irã xiita na guerra Irã-Iraque, que durou quase oito anos entre 1980 e 1988.

Um detalhe importante é que a participação curda foi essencial para as campanhas de contra-ataque iraniana durante toda a guerra. Desde 2013, os curdos

recebem apoio dos Estados Unidos na Guerra civil da Síria, tentando derrubar o governo de Bashar Al-Assad.

Apesar do uso de armas químicas ter sido confirmado no conflito, não existem provas que foi o governo sírio que as utilizou em 2013, ou posteriormente. Entretanto, ataques químicos continuaram ocorrendo, novamente em 2016, e em abril de 2018 um suposto ataque serviu como justificativa para o bombardeamento da Síria por uma coalizão formada pelos Estados Unidos, Reino Unido e França. A mídia internacional logo virou-se contra Al-Assad sem questionar a Turquia, membro da OTAN, e teve participação em ataques químicos anteriores, ou até mesmo ISIS, inimigo declarado do governo Trump e também do anterior, de Barack Obama.

Os Estados Unidos influenciam diretamente nos conflitos e fortalecendo insurgentes, contra governos que vão contra os interesses do país no Oriente Médio, desde a guerra fria. A CIA patrocinou ou atuou derrubando governos e instalando ditaduras desde 1949, em sua primeira participação na Síria.

Essas mudanças na Ordem Mundial causam problemas internos que só aumentam durante os anos, gerando mais desigualdade e ferindo direitos humanos.

O apoio necessário para que os países soberanos consigam invadir outros países sem *casus belli* é diretamente ligado à perpetuação de notícias e fatos mentirosos pela mídia.

Se olharmos o surgimento de um pseudojornalismo impregnado por essas notícias falsas ou manipuladas nos deparamos que denominada imprensa marrom nasceu a partir da guerra de Cuba entre os Estados Unidos e a Espanha no século XIX. Conflitos sempre vendem notícias a partir de tragédias e o papel do corresponde de guerra hoje acaba sendo restringido por editores que preferem mostrar sangue do que relatos mais próximos da realidade que evidenciam como e porque um povo está sofrendo daquela maneira.

Na guerra contra o ISIS foi constatado que muitos dos insurgentes que estariam se levantando contra ditaduras, na verdade estão recebendo apoio de grupos de extrema direita, como é o caso do partido curdo do Iraque, e de potências ocidentais, para usurpar o poder de maneira ilegal.

No Brasil, a propagação de ódio nas redes sociais reflete o quão polarizada se encontra nossa situação. Críticas são respondidas com ataques ao lado oposto, muitas vezes sem argumentos apenas para destruir moral e socialmente o outro.

Sempre é bom lembrar que, uma vez divulgado o texto, as repercussões podem chegar a ser desastrosas para os envolvidos, mesmo que não existam provas da sua acusação.

Essa situação reflete bem a relação do brasileiro com o sensacionalismo e a falta de credibilidade da mídia. Correntes de aplicativos como o WhatsApp tem mais credibilidade do que os grandes veículos, via de regra, mais propensos a evitar a publicação de notícias falsas.

Fundamentado nessas colocações, o trabalho foi dividido em três partes. A primeira é uma reflexão sobre o jornalismo e a notícia em si. Pareceu-nos oportuno descrever, sempre fundamentados em autores preocupados com essa questão, o processo de elaboração das notícias no jornalismo. A ideia de fundo consistiu em mostrar a complexidade do tema notícia e sua relevância no processo de informação. Também ficou claro que a circulação e o consumo de informação tornaram-se os principais papéis do veículo de mídia, que passou a visar o lucro comprometendo já a almejada “neutralidade” e procura da “verdade”.

A segunda parte busca entender como as fake news conseguiram um papel tão importante na manipulação da informação e qual é a origem do termo. A manipulação da informação existe há muito tempo, mas a produção das fake news se difere por conta dos dados disponíveis. A utilização da chamada *bigdata* para manipular eleições presidenciais facilita ao criador de conteúdo direcionar a população, manobrando de acordo com os interesses escusos de candidatos demagogos. Desde já salientamos que em função da novidade do termo e de sua ampliação devido às facilidades oferecidas pela tecnologia encontramos dificuldades em obter livros específicos sobre o tema, razão pela qual nos adentramos no estudo de textos e artigos relacionados com a temática.

A terceira parte foca em estudos de casos em que se procura mostrar como ocorreu manipulação e criação de notícias falsas repercutindo em ações extremamente violentas que ocasionaram conflitos e embates nem sempre claros e transparentes.

Nas considerações finais, busca-se reconhecer os padrões analisados e encontrar alternativas para a sociedade conseguir filtrar as informações recebidas e conhecer os interesses por trás das mentiras, permitindo assim desmitificar personagens criados e reverter o círculo vicioso de manipulação de informação que

foi criado com a popularização da internet. O problema das fake news surge sem solução aparente, as notícias falsas ocupam hoje um espaço importante na comunicação, influenciando as produções jornalísticas.

## 2. O PAPEL DO JORNALISMO E A TEORIA DA NOTÍCIA

Partimos do pressuposto que no século XX, os meios de comunicação de massa adquiriram o papel de protagonistas sociais e passaram a influenciar intensamente hábitos, pensamentos, cultura e senso comum dos sujeitos sociais a eles integrados. Eles se tornaram um elemento importante, se não decisivo em alguns momentos, na hora de criar versões e interpretações de acontecimentos que chegavam às pessoas, por meio de produções jornalísticas. Esses têm a notícia como produto que irá construir, fazer circular e, através dela, atuará sobre a sociedade, transmitindo informações sobre um fato, interpretando um acontecimento e, por meio da linguagem, atribuindo-lhes valores e sentidos ao transformar ideias em imagens, que agirão diante do senso comum e da cultura estabelecida. A notícia constitui-se, portanto, como o produto do jornalismo, meio pelo qual se manifesta, informa a população e tem o potencial de formar ideias, opiniões e estereótipos.

De acordo com Jorge Pedro Sousa (1999), a notícia representa aspectos da realidade cotidiana e contribui para construir socialmente novas realidades e novos referentes. O processo de criação da notícia depende de critérios de noticiabilidade e valor-notícia. São nove os critérios de noticiabilidade substantivos definidos por Nelson Traquina (2008) tendo como base a definição de valor-notícia de Mauro Wolf (2003): a “morte”, a “notoriedade”, a “proximidade”, a “relevância”, a “novidade”, o “tempo”, a “notabilidade”, o “inesperado”, o “conflito”, a “infração” e o “escândalo”.

Os valores-notícia em critérios contextuais são cinco: a “disponibilidade”, o “equilíbrio”, a “visualidade”, a “concorrência” e o “dia noticioso”. Complementando, existem também os chamados valores-notícia de construção que segundo Traquina (2008), conceitualmente, são aqueles que tratam dos “critérios de seleção dos elementos dentro do acontecimento dignos de serem incluídos na elaboração da notícia”. Eles são seis: a “simplificação”, a “amplificação”, a “relevância”, a “personalização”, a “dramatização”, e a “consonância”.

Uma notícia é um artefato linguístico que representa determinados aspectos da realidade, resulta de um processo de construção onde interagem fatores de natureza pessoal, social, ideológica, histórica e do meio físico e tecnológico. A notícia é difundida por meios jornalísticos e comporta informação com sentido compreensível num determinado momento histórico e num determinado meio sociocultural, embora a atribuição última de sentido dependa do consumidor da notícia. (SOUSA 1999, p. 2).

O poder dos jornalistas em definir o que é notícia foi estudado na teoria do *Gatekeeper*, desenvolvida por Kurt Lewin no campo da psicologia e aplicada ao jornalismo pelo estadunidense David Manning White em 1950. O foco da pesquisa de White foi a análise do fluxo de notícias dentro de uma redação, onde traçou os padrões que levavam alguma notícia a ser publicada.

O estudo foi criticado pela pobre metodologia aplicada e pela conclusão de que as notícias eram escolhidas por ações subjetivas e arbitrárias como simplesmente a falta de espaço. Os estudos de Wolf concluíram que um sistema com forte hierarquização influencia todo o contexto profissional e burocrático do jornalista, definindo antecipadamente as escolhas que filtrariam as notícias dentro da redação. Contudo, a teoria do *Gatekeeper* tem um papel mais significativo na internet, por conta das mudanças nas relações entre emissor e receptor, não mais passivo, da notícia.

A Internet é uma ferramenta bastante distinta dos meios de comunicação tradicionais – televisão, rádio, cinema, jornal e revista. Cada um dos aspectos críticos que diferenciam a rede mundial dessas mídias – não linearidade, fisiologia, instantaneidade, dirigibilidade, qualificação, custos de produção e de veiculação, interatividade, pessoalidade, acessibilidade e receptor ativo – deve ser mais bem conhecido e corretamente considerado para o uso adequado da Internet como instrumento de informação. (PINHO, 2003, p.49).

Os critérios substantivos baseados no consumidor da notícia são dependentes dos participantes do fato e do impacto que a notícia pode trazer. Quanto mais famoso e poderoso os envolvidos na notícia maior é a relevância do fato causando um aumento na chance de um certo evento ser noticiado. Os desdobramentos do fato e o interesse dos consumidores sobre a notícia a partir da proximidade, notoriedade e escândalo dos elementos noticiosos definem a importância dada para a matéria produzida.

Levando em conta o produto jornalístico, quanto mais atual for o fato noticiado maior sua importância, porém com o advento da internet a importância do “furo jornalístico” vem sendo diminuída pela disponibilidade de material para o jornalista, facilitando seu trabalho. A importância da qualidade do produto se torna cada vez maior. Com a velocidade na transmissão da informação, muitas matérias vêm sofrendo na retratação dos fatos e na falta de equilíbrio. A busca de apenas uma fonte informativa e a redução do tempo gasto na pesquisa podem reduzir a credibilidade do jornalismo.



A prática do jornalismo declaratório, que ocorre de forma cada vez mais abundante, afeta diretamente a sociedade, levando opiniões pessoais, muitas vezes extremas, diretamente para o receptor da informação, sem questionar e permitir a criticidade do que está sendo veiculado, ferindo a prática jornalística.

A teoria do jornalismo deve ser vista essencialmente como uma teoria da notícia, já que a notícia é o resultado pretendido do processo jornalístico de produção de informação. Dito por outras palavras, a notícia é o fenômeno que deve ser explicado e previsto pela teoria do jornalismo e, portanto, qualquer teoria do jornalismo deve esforçar-se por delimitar o conceito de notícia. (SOUSA, 2002, p.2).

O jornalismo declaratório facilita a perpetuação de estigmas negativos de minorias e povos oprimidos e diminui o acesso à informação de pessoas que contam com a grande mídia como forma de adquirir conhecimento sobre assuntos atuais, sejam eles locais ou internacionais.

Essa prática negativa do jornalismo vai contra os critérios de produção da notícia, não existindo um recolhimento, processamento ou hierarquização da informação, além do que é dito pelo entrevistado, muitas vezes sem qualquer filtro, como visto no caso do General Villas-Boas, comandante do Exército que na véspera do julgamento do ex-presidente Lula no STF, em abril de 2018, postou no Twitter: “Asseguro à Nação que o Exército Brasileiro julga compartilhar o anseio de todos os cidadãos de bem de repúdio à impunidade e de respeito à Constituição, à paz social e à Democracia, bem como se mantém atento às suas missões institucionais”; a cobertura da imprensa relatou o que foi dito pelo General e a reação de pessoas a favor ou contra a postagem, mas apenas a BBC Brasil procurou especialistas para interpretar a razão do comandante do Exército se posicionar sobre o assunto e quais desdobramentos eram passíveis de acontecer.

A responsabilidade do jornalista ou comunicador aumenta gradualmente com a sensibilidade do tema abordado. O jornalista deve ser fiel à informação transmitida e não disseminar um conceito já imposto, alinhado ao *status quo* propagado pela globalização com forte poder de influência ocidental.

A moralização da sociedade não se faz com golpes de moral duvidosa. A busca da verdade exige um mínimo de transparência dos buscadores. [...] O atual turbilhão desvenda uma gravíssima crise de valores. Cabe à imprensa preservá-los. Sem valores, a imprensa vai para o brejo – junto com os

mensalistas, os ensandecidos, os utopistas, os irresponsáveis e os corruptos, ativos ou passivos (DINES, 2005.).

Michael Schudson (1988) escreveu que poderíamos explicar as notícias em função de três tipos de forças interligadas e interacionadas:

- A ação pessoal: As notícias são um produto das pessoas e das suas intenções.
- A ação social: As notícias são um produto das organizações noticiosas, da sua forma de se adaptarem ao meio e dos seus constrangimentos, independentemente das intenções pessoais dos intervenientes no processo jornalístico de produção de informação.
- A ação cultural: As notícias são um produto da cultura e dos limites do concebível que uma cultura impõe, independentemente das intenções pessoais e dos constrangimentos organizacionais.

Levando em conta essas três ações, é possível entender como as notícias são construídas e deglutidas de maneira a simplificar o trânsito de informações, sendo que em alguns momentos, o processo reverso ocorre para camuflar dados e fatos em meio a frases e palavras de difícil compreensão.

Perseu Abramo (2003), ao traçar o padrão manipulativo da ocultação, diz que esse é o padrão que se refere à ausência e à presença dos fatos reais na produção da imprensa. Não se trata, evidentemente, de fruto do desconhecimento, nem mesmo de mera omissão diante do real. É, ao contrário, um deliberado silêncio militante sobre determinados fatos da realidade. Esse é um padrão que opera nos antecedentes, nas preliminares da busca da informação. Isto é, no momento das decisões de planejamento da edição, da programação ou da matéria particular daquilo que na imprensa geralmente se chama de pauta.

Segundo Sousa (2003), ao estudar o processo do *gatekeeping*, Pamela Shoemaker (1991), baseando-se nos resultados Schudson, deu conta da existência de alguns dos fatores que influenciam esse processo, eles foram separados por Shoemaker em quatro níveis de influência:

- Nível individual: O processo de *gatekeeping* é influenciado por modelos de pensamento, pela heurística cognitiva, por valores e características pessoais, pela concepção que os intervenientes no processo têm do seu papel social;

- Um nível entre o individual e o organizacional: O processo é influenciado pelas rotinas produtivas;
- Nível organizacional: O processo de seleção e produção de informação é constrangido pelas características organizacionais (recursos, hierarquias, etc.), pelos processos organizacionais de socialização dos jornalistas e pelas dinâmicas próprias que a organização noticiosa estabelece com o meio;
- Nível social, institucional ou extra organizacional: O processo de *gatekeeping* é influenciado pelas fontes de informação, pelas audiências, pelos mercados, pelas entidades publicitárias, pelos poderes políticos, judiciais, pelos lobistas, pelos serviços de relações públicas ou por outros meios jornalísticos.

Também segundo Sousa (2003) é notório o trabalho de Shoemaker de 1991. Os autores (Shoemaker e Schudson) reconhecem a importância da ideologia como um fator capaz de influenciar o conteúdo das notícias. Agregando as ideias de Shoemaker às de Schudson, é possível perceber que numa coisa os estudiosos do jornalismo estão de acordo: os resultados das pesquisas colocam em evidência que fatores de natureza pessoal, social (organizacional e extra organizacional), ideológica e cultural enformam e constrangem as notícias. Uma teoria unificada do jornalismo tem de partir desse patrimônio comum de conhecimento científico sobre o jornalismo.

Sousa (2003), citando Ball-Rokeach e DeFleur (1976), diz que os autores sistematizaram de maneira muito pertinentemente os efeitos da comunicação social e, portanto, das notícias. Esses efeitos circunscrevem-se a três categorias: efeitos cognitivos, efeitos afetivos e efeitos comportamentais:

- Efeitos cognitivos: As notícias produzem efeitos cognitivos pois moldam as percepções que se têm da realidade, podendo levar as pessoas a tomarem atitudes e formarem crenças mais baseadas no conteúdo das notícias do que na própria realidade; contribuem para a formação de atitudes e para a socialização e a aculturação; reforçam ou colocam em questão determinadas crenças; cultivam valores e propõem a adesão ou a rejeição de novos valores; geram o agendamento público de temáticas relevantes para a vida das pessoas ("teorias" do agenda-setting e da tematização); concorrem para a aquisição de conhecimentos e para o aumento ou diminuição da distância que separa as pessoas em termos de conhecimento, por vezes levam as pessoas a pensar que pertençam a grupos majoritários por verem constantemente as suas ideias e modos de vida refletidos nos media, ou, pelo

contrário, levam as pessoas a pensarem que estão isoladas ou pertencem a grupos minoritários por não verem as suas ideias e modos de vida refletidos nos media, tendendo a silenciar-se.

- Efeitos afetivos: As notícias provocam emoções e sentimentos. Mesmo dirigidas à razão, colateralmente atingem a emoção. Esta é uma das explicações para o fato de as pessoas, por vezes, consumirem ativamente informação jornalística de maneira a sentirem-se gratificadas. As notícias também podem contribuir para a atenuação ou intensificação dos afetos, por exemplo, através da exposição prolongada a mensagens violentas, no primeiro caso, ou através de mensagens afetivas, no segundo caso; podem concorrer para o desenvolvimento de sentimentos de medo e insegurança e até de ansiedade e pânico; e ainda podem ter efeitos ao nível da moral e da alienação, pelo fomento da integração ou, pelo contrário, da desagregação de grupos, organizações e dos membros de uma sociedade em geral.

- Efeitos comportamentais: As notícias podem ter efeitos sobre a conduta das pessoas, ativando ou desativando comportamentos. Os efeitos comportamentais são a consequência dos efeitos cognitivos e afetivos.

Sabendo o processo de produção da notícia, podemos entender qual o papel do jornalista e da notícia na sociedade atual. Todo fato que alcançar aprovação nos critérios definidos para produção da notícia e que interessa para algum receptor pode ser transformado em mercadoria.

O jornalista tem o poder de guiar o receptor pelo caminho que ele julga correto e assim auxiliar a formar opiniões durante o processo de consumo da notícia, para isso ele deve ser objetivo e utilizar da melhor maneira as técnicas narrativas e comunicacionais disponíveis.

Manter sua credibilidade é essencial para exercer a função de guia. Ideológica e mercadologicamente, a manutenção de um público fiel é necessária na prática jornalística, ressaltando também que esses conceitos auxiliam a impedir a censura na imprensa.

No Oriente Médio, jornalistas são vítimas de ataques constantemente. Em Cabul no Afeganistão, dez jornalistas foram mortos em ataques coordenados do ISIS, na zona verde da cidade. Durante os protestos da Palestina na Faixa de Gaza, em maio de 2018, dois jornalistas foram mortos a tiros por tropas israelenses. Ambos estavam identificados como imprensa, mas foram considerados como terroristas.

O recorte feito no Oriente Médio é uma forma de evidenciar como a mídia tem forte influência nos conflitos globais. Ela auxilia a política externa de potências globais, que tomam decisões que podem alterar gerações inteiras nascidas em povos sem expressão no mundo ocidental, derrubando governos e alterando expressões culturais que existem a milhares de anos, simplesmente para permitir que essas potências consigam acesso ao petróleo e façam a manutenção do *status quo*.

Já inseridos dentro do conflito, os correspondentes de guerra lidam diariamente com o risco de estar no meio de um combate armado e muitas vezes não conseguem transmitir a realidade do que está acontecendo em suas áreas de atuação. As agências de notícias visam o lucro e querem cada vez mais violência e sensacionalismo ao invés da realidade.

Quando o conflito irrompeu, pensava-se que a comunicação social se encontrava a postos. No final do conflito, chegou-se à conclusão de que se soube menos sobre a Guerra do Golfo do que sobre qualquer outra guerra moderna precedente. (KATZ, 1992, p.9).

Ao observar os comentários em publicações relacionadas ao Oriente Médio, é possível observar o que ocidente perpetua um maniqueísmo islamofóbico e absorve o que é veiculado, sem criticar a informação. No caso do bombardeio de Damasco, em abril de 2018, a culpa foi atribuída a Bashir Al-Assad e crendo na imprensa, o leitor da notícia não aguardou nenhum pronunciamento do governo sírio sobre o suposto ataque químico que motivou o bombardeio para tecer suas conclusões, recebendo, portanto, uma informação no mínimo parcial.

A universidade de Stanford criou, em 2012, o projeto chamado *Mapping Militant Organizations* (Mapeando Organizações Militantes em tradução literal), no qual é criado um levantamento dos grupos atuantes no Oriente Médio. Um deles é o Jaysh al-Islam, um grupo wahhabista que recebe apoio financeiro saudita desde 2013 e teria sido o alvo dos ataques químicos.

No início de abril de 2018, o grupo exibiu prisioneiros sírios enjaulados em Douma. Também no mesmo período, a Árabia Saudita bombardeou diversos casamentos no lîmen causando centenas de mortes. Ambos os fatos foram negligenciados pela mídia do ocidente, tornando evidente uma clara guinada para um lado específico por uma mídia, que mais uma vez se mostrou parcial.

Porém, os desdobramentos causados pela recepção da notícia fogem da realidade do jornalista, pois além de toda a hierarquização existente, também deve-se levar em conta o consumidor do produto final, como é dito na teoria organizacional de Warren Breed. Apenas a manipulação da imprensa não constituiria uma mudança tão drástica na ordem mundial. Os órgãos globais e principalmente os governos têm de entrar em um mesmo conjunto para que assim, através da mídia exerçam as mudanças sociais.

### **2.1 A situação da imprensa no Brasil**

No Brasil, a democratização da mídia é debatida como projeto de lei desde 2013. Os oligopólios formados a partir de concessões de emissoras de rádio e televisão, limitam a difusão de opiniões distintas das famílias que detêm 50% do controle dos veículos de maior audiência no país. Uma pesquisa do Monitoramento da Propriedade da Mídia (MOM), realizada em conjunto com a ONG brasileira Interozes e o Repórteres Sem Fronteiras (RSF) mostrou que dos cinquenta veículos de mídia de maior audiência no Brasil, vinte e seis são controlados por cinco famílias.

Segundo o Repórteres Sem Fronteiras (RSF), que ranqueia desde 2002 a liberdade de imprensa no mundo, o Brasil ocupa a 102ª colocação, e já ocupou a 104ª e a 103ª nos anos anteriores. Os problemas políticos e a incerteza que permeia as eleições presidenciais de 2018 no país removem o foco da questão de liberdade de informação.

A Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) apurou que houve aumento das ameaças e assassinatos de comunicadores e jornalistas e registrou noventa e nove casos de violência contra jornalistas em 2017.

Recentemente, dezenove jornalistas foram agredidos durante a cobertura da prisão do ex-presidente Lula, segundo levantamento da Abraji (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo). As agressões vieram tanto de manifestantes pró Lula, quanto da polícia militar, demonstrando a violência a qual o jornalista está sujeito no Brasil.

A mídia tem papel fundamental na criação de um personagem como Jair Bolsonaro, representando a elite de direita reacionária no Brasil, tendo um papel de antítese à figura de Lula. Por conta da elite deter o controle da mídia não democratizada, a formação da opinião no Brasil segue em rumo a cada vez maior de diminuição dos direitos sociais contando com o apoio da guisa do jornalista.

A criação de uma massa de manobra como a do golpe de 2014 é diretamente condicionada a quem detêm o controle da imprensa, por isso, a democratização da mídia é fundamental no Brasil.

Acreditamos que os casos anteriormente citados ilustram bem a complexidade que envolve a notícia. Dando continuidade, no próximo capítulo se procura estudar mais detidamente como ocorre e como se manifesta a criação de notícias falsas.

### 3. As Fake News e os formadores de opinião

As chamadas fake news são informações falsas, geralmente sensacionalistas e compartilhadas na internet como se realmente fossem notícias verdadeiras. Notícias mentirosas e sensacionalistas, no jornalismo, são realidade faz muito tempo. O historiador Robert Darton em entrevista à Folha mostrou como isso sempre esteve presente no cotidiano desde a antiguidade: “As notícias falsas sempre existiram. Procópio foi um historiador bizantino do século VI famoso por escrever a história do império de Justiniano. Mas ele também escreveu um texto secreto, chamado "Anekdotia", e ali ele espalhou fake news, arruinando completamente a reputação do imperador Justiniano e de outros. Era bem similar ao que aconteceu na campanha eleitoral americana”.

Darton também citou o caso de Pietro Aretino (1492-1556): “A meu ver o principal difusor de fake news, ou "semi fake news" (porque as notícias continham um pouquinho de verdade), um grande jornalista e aventureiro do início do século 16. Em 1522, quando sua carreira começou, ele escrevia poemas curtos, sonetos, e os grudava na estátua de um personagem chamado Pasquino perto da Piazza Navona, em Roma. Ele difamava a cada dia um dos cardeais candidatos a virar papa. E os poemas eram hilários. Ele caçoava de um que era muito tímido dizendo que era o menino da mamãe, dizia que outros tinham amantes etc. Esses poemas ficaram conhecidos como "pasquinadas". Eram fake news em forma de poesia atacando figuras públicas, fizeram grande sucesso, e Aretino os usou para chantagear pessoas, papas, figuras do império romano que lhe pagavam para que ele não publicasse essa espécie de “tuíte” ancestral”.

E completou com outro exemplo do século XVIII, período no qual é especialista: “No século 18, havia gente que espalhava fake news, às vezes por dinheiro, noutras por esporte. Na Londres de 1770 os chamados "homem-parágrafo" recolhiam fofocas e as redigiam em um único parágrafo em pedacinhos de papel e vendiam para impressores/editores, que as imprimia em forma de pequenas reportagens muitas vezes difamatórias. Acho que essas histórias eram muito mais escandalosas do que as de hoje. Atuavam também em Paris, de forma mais subterrânea, porque havia censura à imprensa. Então você tinha esse tipo de fake news –eram como tuítes ou posts de Facebook– circulando por toda a parte em Paris e em Londres às vésperas da Revolução Francesa e em boa parte do século 18”.



A novidade fica por conta da massificação da informação e do acesso relativamente fácil a que a população tem para ler esse tipo de matéria. Se pode dizer que a dimensão que adquirem é tão significativa e tem tanta repercussão social que chegaram a interferir e mudar o resultado das eleições em lugares como os Estados Unidos e o Reino Unido como veremos nas páginas seguintes.

O termo fake news foi eleito a “palavra do ano” de 2017 pelo dicionário Collins após aumento de 365% no seu uso desde 2016. O dicionário britânico classificou também uma lista de palavras que se destacaram no ano como, “antifa” e “câmara de eco”. Termos que convergem com o momento de polarização e manipulação da informação em que vivemos. Pudemos analisar que as fake news se aproveitam da pós-verdade, que também foi eleita a “palavra do ano”, só que de 2016 pelo também britânico, dicionário Oxford.

A pós-verdade pode ser entendida como a ideia de que um fato concreto tem menos significância ou influência do que "apelos à emoção e às crenças pessoais". Isso significa que, de acordo com o conceito da pós-verdade, torna-se mais importante acreditar que algo é verdade (mesmo não sendo) do que aquilo que de fato é verídico. Assim, o uso do prefixo "pós" remete a ideia de que o conceito de verdade passa a não ter o mesmo significado que em outrora.

A pós-verdade se fomentou a partir dos comentários nas redes sociais e utilizou a brecha da falta de credibilidade da grande mídia, como é evidente no Brasil, para apelar para o emocional diminuindo a importância de fatos concretos nesse contexto de polarização em que vivemos.

Claire Wardle, fundadora da ONG First Draft News, abrigada no Shorenstein Center na Universidade Harvard com o intuito de combater com métodos de pesquisa as informações falsas na internet, identificou em 2017 sete classificações para as fake news:

1. Sátira ou paródia: Sem intenção de ser nociva, mas com potencial para enganar.
2. Conteúdo enganoso: Utiliza a informação mentirosa intencionalmente para moldar um problema ou indivíduo.
3. Conteúdo com impostor: Quando fontes verdadeiras são citadas como se dissessem coisas que na realidade nunca falaram.

4. Conteúdo fabricado: Conteúdo 100% fabricado, com informações e/ou fatos mentirosos visando causar danos a outrem.

5. Falsa conexão: Quando as manchetes, artifícios gráficos ou legendas não dão suporte, ou não tem conexão, com o conteúdo escrito.

6. Contexto mentiroso: Quando conteúdo 100% verdadeiro é compartilhado em um contexto inexistente.

7. Conteúdo manipulado: Quando informações e imagens verdadeiras são manipuladas para enganar o consumidor.

Além de classificar os tipos de notícias falsas, Wardle também traçou um paralelo de sobre os artifícios e quais são os objetivos que quem produz esse tipo de conteúdo utiliza em determinada categoria. As páginas de sátira como o Sensacionalista são inofensivas do ponto de formação de opinião.

#### Conexão de elementos jornalísticos com a classificação de fake news de Wardle

XXXXXXXX	Sátira ou paródia	Conteúdo enganoso	Conteúdo com impostor	Conteúdo fabricado	Falsa conexão	Contexto mentiroso	Conteúdo manipulado
Jornalismo pobre		X			X	X	
Para parodiar	X		X	X			
Para provocar ou desestabilizar			X	X			X
Apelar para a emoção						X	
Partidarismo		X				X	
Lucro			X	X	X		
Influência política		X		X		X	X
Propaganda		X	X	X		X	X

Adaptado do site First Draft sobre os elementos presentes em cada classificação atribuída as fake news, Claire Wardle. < <https://firstdraftnews.org/fake-news-complicated/>>

Através do gráfico, podemos analisar que a propaganda é um dos elementos mais presentes na produção das fake news, é essencial existir um gancho que atraia um leitor que vai confiar na informação sem checar se ela é verdadeira ou não.

Boatos que apelam para o emocional do consumidor tem um grande nível de compartilhamento, fazendo com que mentiras se tornem verdade para parte da população criando diferentes realidades. Com a mudança do jornalismo tradicional

para uma prática mais participativa do receptor, cada pessoa passa a funcionar como gerador de conteúdos e de vínculos emocionais, como diz Santaella (2013).

Atualmente, estar o mais próximo possível da verdade e conferindo fontes múltiplas é a melhor maneira de se informar ao receber algum tipo de informação nas redes sociais. Tudo pode ser fake news e na bolha virtual os algoritmos criados a partir da câmara de eco facilitam que a informação mentirosa chegue com mais facilidade ao receptor da informação.

Para manipular o conteúdo, um jornalista precisa ter conhecimento das teorias, dissimulando informações verdadeiras sem deixar de maneira clara que está existindo essa manipulação. Já para alterar apenas o contexto ou inserir dados enganosos, a prática de um jornalismo pobre já é suficiente, pois o consumidor alvo desse tipo de publicação já detém menos conhecimento e dificilmente irá verificar outras fontes para ver se a notícia recebida é verdadeira ou falsa.

As fake news começaram a chamar a atenção da mídia em meados de 2016, em meio as eleições presidenciais estadunidenses. A influência política é o maior perigo da propagação das fake news. Steve Bannon, que controlava o site Breitbart News, tornou-se coordenador de campanha de Donald Trump e posteriormente estrategista chefe da Casa Branca. Durante as eleições, o site publicou uma série de fake news incluindo uma matéria que dizia que Obama e Hillary Clinton apoiavam o ISIS. O site se tornou reduto de supremacistas brancos e em meio do slogan "*Make America Great Again*" (MAGA), ou "faça a América grande de novo" iniciou-se a campanha para construção do muro na divisa com o México, o que não aconteceu, e para impedir muçulmanos de entrar nos Estados Unidos.

Durante a campanha de Trump, uma série de notícias veiculadas em sites da Macedônia começaram a se popularizar no facebook, em conjunto com notícias falsas russas, chegando até a Fox News, canal de notícias dos Estados Unidos criado em 1996 e conhecido pelo sensacionalismo.

A Fox News é conservadora e demonstra apoio massivo ao partido Republicano. Em uma pesquisa feita pela Universidade de Maryland em 2003, 67% dos espectadores da Fox News acreditavam que "os Estados Unidos tinham encontrado claras evidências que o Iraque trabalhava em conjunto que o grupo terrorista Al-Qaeda". Em comparação os números de espectadores de outros canais eram 56% da CBS, 49% da NBC, 48% da CNN, 45% da ABC, 16% da NPR/PBS.

A Rússia foi o primeiro país a utilizar as fake news para angariar vantagens ou lucros. Não é confirmada a participação do governo russo na propagação de notícias mentirosas, porém, após as eleições 2012 no país, foi criada a *Internet Research Agency* (IRA) em São Petersburgo. Os chamados “Trolls de Oligo” recebiam cerca de 700 dólares mensais para criarem e administrarem perfis falsos na rede VK e posteriormente no facebook, com notícias exaltando Vladimir Putin ou contra Barack Obama, Angela Merkel e Piotr Poroshenko, atual presidente eleito da Ucrânia após Viktor Yanukovich ser deposto do cargo durante os protestos de Kiev em 2014.

Cerca de 20 pessoas atuavam simultaneamente com diversos perfis realizando postagens em grupos regionais nas redes sociais perpetuando as notícias falsas e criando uma certa credibilidade. Em fevereiro de 2018, o caso ganhou maior notoriedade quando o grande júri dos Estados Unidos indiciou treze russos que tiveram interferência nas eleições presidenciais de 2016 e também em outros processos políticos, divulgando informações falsas e difamando políticos locais. Após isso, em março de 2018, matérias sobre o processo de criação das contas e notícias falsas foram divulgados com entrevistas de ex-membros da IRA.

O canal russo de notícias, RT News, criado em 2005, tem transmissão global em inglês e vem trabalhando no combate as fake news, com o slogan “*Question more*” ou questione mais em tradução literal. O mote do canal é ampliar a perspectiva do ocidente sobre os eventos relacionados a Rússia, indo contra a noção criada após os eventos do IRA e a política externa de Putin.

Na Macedônia, os chamados “Veles boys”, jovens da cidade de Veles criavam sites com a produção de notícias falsas apenas com o intuito de ganhar dinheiro a partir de cliques nas propagandas do Google AdSenses no que é chamado de “*clickbait*”. A Macedônia vem sofrendo uma crise de desemprego que afeta em grande parte os jovens. 46,9% dos desempregados no país tem entre 15 e 29 anos.

Mais de cem sites criados em contas gratuitas do WordPress como o “*Today Report*”, com matérias elaboradas buscando atrair cliques de seguidores de Donald Trump. Os Veles Boys produziam conteúdo diariamente dando lucro de até cinco mil euros semanais. Segundo matéria do canal macedônio Nova TV, os jovens escolheram os seguidores de Trump pois eles eram mais facilmente influenciados do que os seguidores de Hillary Clinton e Bernie Sanders. Os cliques vindos dos Estados Unidos pagavam até três vezes mais do que acessos provenientes da Europa.

A checagem de fatos é o contraponto da produção das fake news. No Brasil, desde maio de 2018, as agências de verificação de fatos “Aos fatos” e “Lupa” estão tendo acesso aos dados do facebook relacionados com conteúdo potencialmente falso. Após a checagem desses dados pelas agencias as postagens que forem classificadas como notícias falsas terão seu alcance reduzido e não poderão receber patrocínio.

Grupos de direita como o MBL e o Revoltados Online começaram uma campanha para classificar a checagem de fatos como censura. Os grupos que produzem conteúdo mentiroso sobre adversários políticos e ideológicos estão atacando as agências de checagem e classificando os jornalistas como de extrema-esquerda.

A estratégia desses grupos por si só já vai de encontro com a produção de conteúdo falso. O ataque aos jornalistas com informações mentirosas repete o trabalho editorial de propagar a mentira como modo de obter vantagem.

O Reino Unido também sofreu com a influência das notícias mentirosas durante as eleições do “*Brexit*”, para definir a sua saída da União Europeia (UE). Novamente, a direita foi responsável pela propagação das notícias mentiras com ataques contra a imigração de europeus para o Reino Unido e taxas inexistentes que seriam pagas para a EU.

No Reino Unido, as postagens saíam na mídia impressa já consolidada, em jornais como Daily Mail e Daily Express e também contou com o uso de robôs nas redes sociais para propagar as matérias e propor discussões com dados que não existem. A Cambridge Analytica, que utilizou dados do facebook e agora faz a rede social se proteger para manter a credibilidade, criava conexões a partir de comentários no facebook para facilitar a disseminação das fake news.

A verificação de fatos existe em Londres desde 2009. A agência “Full Fact” foi criada visando combater a influência de lobistas e analisar entrevistas dadas por políticos locais, similar ao trabalho das agências no Brasil. Durante o Brexit, a agência realizou um trabalho de pesquisa contra a informação amplamente divulgada que o Reino Unido pagava 350 milhões de libras semanais para a União Europeia. O dado inventado foi colocado até em laterais de ônibus de Londres. Contudo, após uma pesquisa da Full Fact, foi descoberto que o repasse era de 160 milhões semanais, menos da metade do que era divulgado.

No Brasil, o caso da senadora Gleise Hoffman (PT-PR) que ao mandar um vídeo defendendo a inocência de Lula para a TV Al Jazeera recebeu a alcunha de terrorista pela também senadora e jornalista Ana Amélia (PP-RS) exemplifica bem como também essa problemática se encontra no nosso país. Ana Amélia disse que Gleise Hoffman poderia estar infringindo a Lei de Segurança Nacional, e fez menção indireta ao ISIS: "Só espero que, dada a gravidade do conteúdo dessa exortação publicada pela TV Al Jazeera, essa convocação ao apoio dos países do mundo árabe não tenha sido também um pedido para que o exército islâmico venha ao Brasil atuar aqui".

Uma jornalista de profissão que foi eleita com mais de 3 milhões de votos citar um "exército islâmico" demonstra a falta de conhecimento de política internacional. Em um ambiente como esse, a propagação das fake news é facilitada, pois na internet o consumidor deixa de ser apenas o receptor passando, também, a ser o emissor de informação.

Outro que se posicionou contra o depoimento de Gleise Hoffman foi Major Olímpio (PSL-RJ), correligionário de Jair Bolsonaro. O parlamentar afirmou que a senadora cometeu "crimes contra a soberania nacional" ao pedir apoio do "mundo árabe". Segundo o deputado, a Al-Jazeera atua em locais onde há "concentrações de diversos grupos terroristas, colocando em risco também a segurança nacional do Brasil".

Ainda sobre o caso da senadora do PT, uma montagem postada no facebook em que ela estaria pedindo a ajuda de terroristas para soltar Lula da cadeia e uma suposta resposta em árabe de terroristas para a mensagem de Gleise Hoffman tiveram mais de 50 mil compartilhamentos.

Em abril de 2018, uma pesquisa inédita do Monitor de Debate Político no Meio Digital, órgão da Universidade de São Paulo (USP), revelou que os grupos de família costumam ser o principal vetor para a multiplicação de notícias falsas dentro do WhatsApp. O estudo foi iniciado após o assassinato da vereadora Marielle Franco, defensora dos direitos humanos e grande crítica da Polícia Militar do Rio de Janeiro, no momento subordinada ao Exército Brasileiro em intervenção local sancionada pelo presidente Michel Temer. Marielle seria a responsável pela comissão que iria fiscalizar a intervenção.

Uma série de ataques mentirosos ocorreram após a notícia de sua morte, diversos relacionavam a sua eleição com um mentiroso apoio do Comando Vermelho e seria casada com um traficante conhecido como Marcinho VP. Em uma fácil pesquisa é fácil distinguir a mulher da foto divulgada e a ex-vereadora. A intenção era desmoralizar a atuação pública da vereadora conhecida pelo seu posicionamento crítico e independente em relação às questões sociais e demais problemas vivenciados pelo Estado do Rio de Janeiro. Uma rápida pesquisa teria sido suficiente para verificar que a mulher que aparecia na foto com Marcinho VP não era a vereadora, mas por acreditar na informação como sendo verdadeira se passou essa imagem destinada a denegrir a vereadora e minimizar a repercussão que estava tendo.

Na verdade, existiam dois Márcios. Um é Márcio Amaro de Oliveira, foragido desde 1997, foi preso em 2000 e depois assassinado dentro da prisão de Bangu 3 em 2003. O outro é Márcio dos Santos Nepomuceno, preso desde 1997 em Porto Alegre.

A história inventada ainda dizia que ela teria engravidado aos 16 anos, sua filha tem 19 anos e Marielle 38, assim ela engravidou entre os 18 e os 19 anos de idade.

Grande parte dos brasileiros utiliza aplicativos de mensagens como modo de se informar e a propagação de fake news acontece sem nenhum controle. O Congresso brasileiro conta com vinte projetos de lei para criminalizar a disseminação de notícias mentirosas. As punições variam de multas de 1500 reais até oito anos de reclusão, mas não existe uma classificação específica sobre o que será crime e o que passará impune se tratando das fake news.

O problema se volta à questão da banalização do termo. Do mesmo modo como a criação do foro privilegiado foi idealizada visando minar a perseguição política, uma lei que criminalize o fato sem ao menos existir uma explicação anterior do governo do que é considerado como fake news e a utilização disso como instrumento de políticos para atacar a mídia, pode gerar acusações indevidas e que não necessariamente podem ser notícias falsas.

Em janeiro desse ano um editorial da CNN com o título: *“Sorry, Mr. President, the 'fake news' excuse isn't good enough anymore”*, criticou diretamente a atitude de Donald Trump de atacar a mídia ao ser questionado. A popularização do termo e uma checagem de fatos que sempre tenta corrigir o mais rápido possível, mas dificilmente consegue impedir a veiculação da informação mentirosa, causa uma distorção.

As fake news estão se tornando produto cultural. Séries de televisão estão utilizando o termo em episódios e para fazer propaganda na divulgação de episódios ou como artifício de roteirização. Remover a seriedade do termo faz com que seja ainda mais difícil provar a veiculação das mentiras na internet.

Diante desse panorama, devemos ficar atentos para evitar que se consolidem interpretações assentadas em fatos nem sempre verdadeiros. Exemplificar como isso ocorre se torna relevante, razão pela qual se realizará, no capítulo seguinte, um esforço para tentar entender como se constroem os fatos não desde a ótica das notícias falsas, mas sim mostrando o jogo e relações de interesses envolvidos nos acontecimentos que adquirem relevância internacional e servem para justificar invasões e destruição de populações que vivem nas áreas de conflito.



## 4. OS CONFLITOS NO ORIENTE MÉDIO

Nesse capítulo vamos tratar de conflitos globais que tiveram interferência de fake news para justificar ações, ou em casos mais extremos, serviram como justificativa de guerra e invasões militares.

O foco da pesquisa foi na Guerra ao Terror e outros conflitos no Oriente Médio, sendo o evento mais recente o bombardeio de abril de 2018 em Damasco pela coalizão de Estados Unidos, França e Inglaterra em meio aos confrontos da guerra civil síria.

### 4.1. O início da Guerra ao Terror e a invasão do Afeganistão

A chamada Guerra ao Terror é a campanha militar liderada pelos Estados Unidos, do então presidente George W. Bush, como resposta aos ataques de 11 de setembro. Os atentados coordenados pela Al-Qaeda, liderada por Osama Bin Laden, aconteceram pela manhã de 11 de setembro de 2001. Quatro aviões comerciais foram sequestrados por dezenove terroristas que tinham como alvos as Torres Gêmeas do World Trade Center em Nova York, a sede do departamento de defesa estadunidense (o Pentágono), e o congresso do país, o Capitólio. O último avião foi derrubado após um confronto entre os terroristas e os passageiros do voo e não atingiu o alvo.

O atentado causou a morte de 2966 pessoas de 72 nacionalidades diferentes e é até 2018 o ato de terror com mais vítimas mortais no ocidente. Noam Chomsky escreveu em 2011 sobre o 11 de setembro de 2001:

Citei a conclusão de Robert Fisk de que ‘o crime horrendo’ de 11/9 foi cometido ‘com maldade e crueldade impressionante’, um juízo exato. É útil ter em mente que os crimes poderiam ter sido ainda piores. Suponham, por exemplo, que o ataque tivesse ido tão longe ao ponto de bombardear a Casa Branca, matando o presidente, de impor uma ditadura militar brutal que matasse milhares e torturasse dezenas de milhares, instalando ao mesmo tempo um centro de terror internacional que ajudasse a impor estados similares de tortura-e-terror noutros países, e executando uma campanha internacional de assassinato; e como um incentivo suplementar, tivesse trazido uma equipe de economistas – chamemos-lhes de ‘os Kandahar boys’ – que rapidamente conduzissem a economia a uma das piores depressões da sua história. Claramente, teria sido muito pior do que o 11/9”. Infelizmente, nada disto é especulação. Aconteceu. A única inexatidão neste breve relato é que os números devem ser multiplicados por 25 para produzir equivalentes per capita, a medida apropriada. Refiro-me, naturalmente, àquilo que na América Latina é frequentemente chamado de “o primeiro 11/9”: o 11 de Setembro de 1973, quando os Estados Unidos culminaram com sucesso os seus esforços para derrubar o governo democrático de Salvador Allende, no Chile, com um golpe militar que levou ao poder o regime brutal do general Pinochet. O objetivo, nas palavras da administração Nixon, era matar o “vírus” que poderia estimular todos esses “estrangeiros [que] andam a querer tramar-

nos” e que queriam assumir o controle dos seus próprios recursos e aplicar uma política intolerável de desenvolvimento independente. A apoiar esta política estava a conclusão do Conselho de Segurança Nacional que, se os EUA não conseguiram controlar a América Latina, não se podia esperar que conseguissem realizar a sua Ordem em qualquer outro lugar no mundo. (CHOMSKY, 2011 in Tom Dispatch).

Podemos dividir a campanha da Guerra ao Terror em 3 conflitos diferentes: A guerra do Afeganistão, iniciada 2001 e ainda em andamento em 2018; a guerra do Iraque de 2003 até 2011; e a guerra contra o ISIS, majoritariamente na Síria, iniciada em 2011 e que também continua em andamento em 2018.

Um dos objetivos citados pelos Estados Unidos para justificar a Guerra ao Terror foi o combate aos países, que segundo George W. Bush, apoiavam ações terroristas. Os países que foram classificados como o “Eixo do mal” por Bush durante uma coletiva no dia 29 de janeiro de 2002 eram: o Irã, o Iraque e a Coreia do Norte. Posteriormente o então subsecretário de Estado John Bolton acrescentou Cuba, Líbia e Síria como países inimigos dos Estados Unidos no discurso conhecido como “Além do eixo do mal”, em maio de 2002. Bolton se tornou o conselheiro de segurança nacional em 2018 durante o governo de Donald Trump.

No dia 18 de setembro de 2001, o presidente Bush autorizou que as forças armadas dos Estados Unidos fossem empregadas contra os responsáveis pelos ataques da semana anterior. O governo estadunidense fez uma série de demandas ao governo talibã no Afeganistão, no dia 21 de setembro de 2001. As demandas foram parte de uma estratégia muito próxima ao “Ultimato de julho” quando o Império Austro-húngaro exigiu da Sérvia diversas medidas impossíveis de serem realizadas como justificativa para invadir o país, dando início a primeira guerra mundial.

A campanha militar da Guerra ao Terror teve início com a invasão do Afeganistão, em 7 de outubro de 2001, antes da aprovação do Conselho de segurança da ONU, que aconteceria dois dias depois.

Após os primeiros bombardeiros realizados pela OTAN, o Talibã, que governava o Afeganistão, se pronunciou dizendo que se existissem provas concretas que relacionassem Osama Bin Laden ao ataque, eles o entregariam para as autoridades dos Estados Unidos, que nunca apresentaram tais provas. Bin Laden se pronunciou publicamente, no dia 31 de outubro de 2001, para a Al-Jazeera e discursou: "Esta é a América, Deus atingiu em seu coração e destruiu seus maiores edifícios, então temos que agradecer a Deus por isso. A América estava cheia de

terror do norte ao sul e de leste a oeste. O que a América está vivendo hoje não é nada comparado com o que temos vivido por décadas, nossa nação vive há mais de 80 anos com esse tipo de opressão, nosso povo está sendo morto e massacrado e seus símbolos religiosos atacados, mas ninguém ouviu ou respondeu. Mas agora, Deus abençoou um grupo de muçulmanos e abriu as portas diante deles, então eles foram capazes de destruir a América e eu espero que Deus vá exaltá-los e recebê-los em seu céu". Apesar do discurso exaltando os ataques, Bin Laden só reconheceria a sua participação em 2004.

No dia 13 de novembro, a OTAN toma o controle de Cabul, capital do Afeganistão. Tal controle foi repassado para a ONU em dezembro após a queda do Talibã, e as tropas estadunidenses que ficam no país começaram a operar sob sua responsabilidade. O Talibã se reorganizou entre 2002 e 2003 e iniciou uma forte insurgência no país em 2004. O conflito entre o Talibã e a OTAN se mantém ainda em 2018.

#### **4.2. A invasão do Iraque e a Blackwater**

Após a campanha vitoriosa no Afeganistão e a fuga de Osama Bin Laden e outras lideranças da Al-Qaeda para as montanhas do Paquistão, os Estados Unidos iniciam os ataques contra o “Eixo do mal” e o foco principal se tornou o Iraque governado por Saddam Hussein. A relação de Saddam com os Estados Unidos era complexa. No fim da década de 1950, participou de uma conspiração que tinha apoio do país para tentar fazer os sunitas tomarem o poder, o que só aconteceria em 1968. Saddam se tornou comandante supremo do Iraque em 1979, ano da revolução islâmica no Irã. Em 1980, novamente com apoio dos Estados Unidos, deu início a guerra contra o Irã.

O governo de Ronald Reagan aproveitou da instabilidade causada pela revolução para tentar derrubar o Aiatolá Khomeini do governo e evitar que a recém-formada república islâmica servisse como exemplo. A guerra foi um fracasso que consumiu mais de 1 trilhão de dólares em prejuízos globais e causou mais de 1 milhão de mortes, a grande maioria iranianos.

Em 1990, Saddam rompe relações com os Estados Unidos ao invadir o Kuwait para reduzir a produção de petróleo no país causando um aumento no preço do barril. A invasão que se tornaria a guerra do golfo, após a participação dos Estados Unidos

de George H. W. Bush, o pai de George W. Bush, durou cerca de seis meses e causou uma série de sanções da ONU contra o Iraque.

Em 2002, George W. Bush, o então presidente dos Estados Unidos, começa os ataques ao “Eixo do mal” e a acusar o Iraque de ter armas químicas, ameaçando invadir o país.

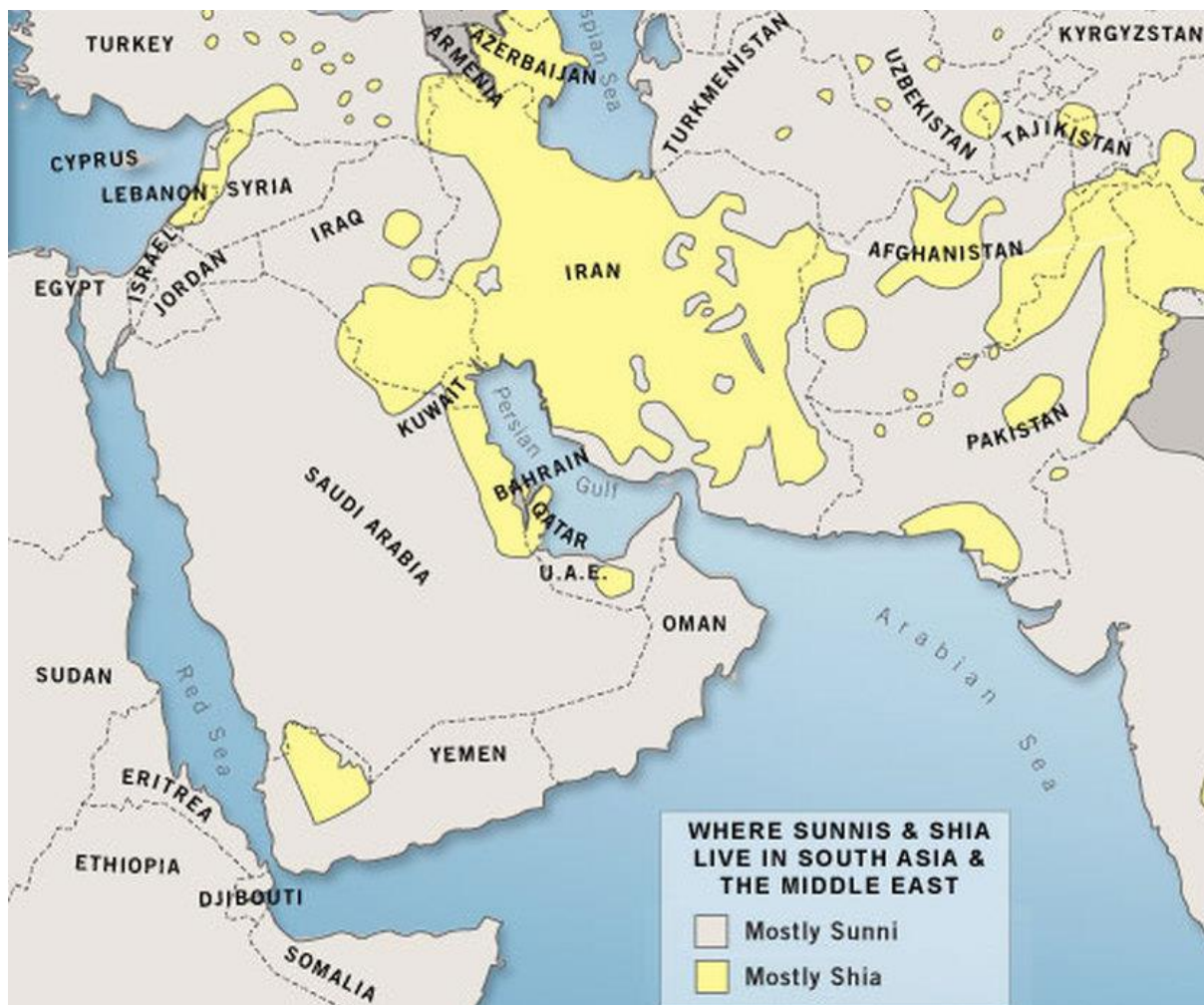
Em março de 2003, já com evidências que o Iraque teria desmantelado ao menos 95% das suas armas de destruição em massa e que não tinha relação nenhuma com a Al-Qaeda, os Estados Unidos avisam a ONU para se retirarem do país. No dia 20 de março de 2003, é iniciada a invasão ao Iraque.

Com quase 200 mil homens da OTAN em campo, a campanha é um sucesso nas primeiras semanas e os Estados Unidos conquistam Bagdá no dia 09 de abril. Em 01 de maio, querendo demonstrar poder, George W. Bush declara vitória ao estender uma faixa com os dizeres “Missão Cumprida” no Porta-Aviões USS Abraham Lincoln.

No dia 09 de dezembro, Saddam Hussein, que estava escondido no norte do país, é capturado. Acusado de genocídio após ter ordenado a morte de 148 iraquianos xiitas, Saddam foi julgado por um tribunal iraquiano em um processo que durou mais de um ano entre outubro de 2005 e 26 de dezembro de 2006, quando foi condenado a pena de morte por enforcamento. Filmagens de celular do momento da morte do ditador se popularizaram rapidamente em todo o mundo, em uma época em que celulares com câmera ainda eram uma novidade para o grande público.

Após a captura de Saddam, o país continuou instável e a insurgência começou a ganhar força em março de 2004. A população iraquiana é majoritariamente xiita e conta com o apoio da Al-Qaeda. Essa parcela da população tentou ascender ao poder, aproveitando a fragilidade do país após quase 40 anos de governo sunita.

Figura 1 - Mapa com a concentração de xiitas e sunitas no Oriente Médio



Fonte: Vali Nasr (2007)

No dia 31 de março, quatro mercenários pertencentes a Blackwater foram emboscados e assassinados em Fallujah, revelando a presença de um exército particular, altamente treinado e financiado pelos Estados Unidos.

Jeremy Scahill escreveu: “No governo Bill Clinton, anterior ao 11 de setembro de 2001, os planejadores não estavam preocupados com terrorismo internacional e jamais poderiam ter compreendido no que a Blackwater iria se transformar”.

A Blackwater foi fundada em 1996 por Erick Prince, um conservador, cristão, de extrema-direita. A Blackwater tornou-se durante a guerra do Iraque o maior exército militar do mundo, controlando 20% das ações militares contra os insurgentes no país, chegando a ter 500 milhões de dólares em contratos com o governo estadunidense em 2007.

Al Clark foi o instrutor de Prince nas forças especiais da marinha. Quando Prince idealizou a companhia, ele largou a marinha e se dedicou a criação da Blackwater, após sua mãe realizar a venda da empresa de seu pai por 1,3 bilhões de dólares.

Scahill transcreveu a apresentação do site da Blackwater no seu livro em 2007: “Nosso fundador é um ex-seal da Marinha dos Estados Unidos. Ele criou a Blackwater em razão de sua crença de que tanto os militares como agentes da lei em atividade necessitam de instalações adicionais para fornecer completo treinamento de nossos valorosos homens e mulheres, uniformizados ou não, dentro dos padrões exigidos para manter a segurança de nosso país”.

Até 2000, quando conseguiu o primeiro contrato com o Serviço de Administrações Gerais (GSA) dos Estados Unidos, a Blackwater não tinha grandes relações com o governo, mas os exércitos particulares começaram a crescer nos Estados Unidos em 1993, quando Dick Cheney realizou um corte de 10 bilhões de dólares na defesa do país. Em 1999, enquanto se especializava em realizar treinamento policial, a companhia conseguiu um contrato de 36 milhões de dólares após o massacre na escola de Columbine.

No dia 16 de setembro 2007, uma caravana com quatro veículos da Blackwater contratada pelos Estados Unidos mataram 14 pessoas e feriram mais 20 ao reagir com força excessiva em um congestionamento no distrito de Mansour, na capital Bagdá. A polícia iraquiana era acostumada a abrir passagem no trânsito para os comboios americanos passarem, visando garantir a segurança dos civis que poderiam interromper o caminho.

O início do que foi chamado de “domingo sangrento de Bagdá” foi quando um jovem estudante de medicina chamado Ahmed Hathem al-Rubaie da classe alta de Bagdá, em um Opel branco com sua mãe de passageira, foi baleado na testa após o comboio da Blackwater entrar na contramão da via de mão única e disparar a esmo, segundo relato do polícia de trânsito, Ali Khalaf Salman. O carro de Ahmed continuou em movimento, provavelmente por seu pé se manter em cima do acelerador mesmo após o disparo e os guardas da Blackwater voltaram a abrir fogo contra o sedã que se movimentava lentamente ainda a uma distância considerável dos veículos militares. Khalaf disse se lembrar de pedir para parem de disparar, mas as metralhadoras atiraram de maneira tão agressiva que o carro explodiu, deixando o seu interior em

chamas. Nesse momento, os quatro veículos do comboio começaram a disparar em todas as direções, mirando os ocupantes dos veículos ao redor.

Após o massacre, a Blackwater foi banida pelo governo iraquiano de operar no país, porém eles continuaram em operação até 2009, quando o governo Barack Obama iniciou o processo de remoção das tropas estadunidenses no país. A ONU realizou uma investigação sobre o caso e concluiu que a Blackwater realizava “uma força nova de atividade mercenária” ilegal perante a norma internacional para emprego desse tipo de força militar.

Quatro mercenários foram julgados nos Estados Unidos em abril de 2015; três foram condenados a 30 anos de prisão e um a prisão perpetua. Porém, em agosto de 2017, após apelação dos advogados as penas foram removidas e ainda será marcado um novo julgamento.

Os Estados Unidos evitam se pronunciar sobre a Blackwater, que foi renomeada para “XeServices” em 2009 e posteriormente para “Academi” após ser vendida para um outro grupo privado. A companhia continua com contratos de serviços ativos com a CIA desde 2003, ano da invasão do Iraque.

Após a retirada das tropas dos Estados Unidos do país, o Iraque entrou em uma guerra civil em 2011 que durou até dezembro de 2017. Diversos grupos extremistas sunitas, que culminariam no ISIS, enfrentaram o governo central iraquiano, que contou com apoio de países xiitas como o Irã e a Síria e também do Curdistão iraquiano e do Hezbollah. O atual presidente do Iraque, Fuad Masum é um sunita de origem curda, eleito em 2014, e mantém boas relações com seu premier xiita, de origem iraquiana Haider al-Abadi. Em março de 2018, pela primeira vez na história do Iraque, o primeiro ministro se pronunciou publicamente em curdo em um discurso no ano novo árabe.

### **4.3. A guerra civil síria e o ISIS**

A guerra civil da Síria é um dos conflitos mais complexos do século XXI. Iniciada durante protestos motivados no movimento que ficou conhecido como a “Primavera Árabe”, no início de 2011, escalou para um conflito movido por diversos interesses, com alianças confusas que visam a divisão do território sírio.

Em março de 2011, os protestos pacíficos sofreram uma forte repressão de Bashar Al-Assad. Em abril, a situação piorou e protestos em Damasco e Homs tiveram

mais de 70 mortos. A guerra tem início, de fato, em agosto de 2011, quando rebeldes foram fortalecidos por ex-militares sírios que desertaram.

A família Al-Assad está no poder na Síria desde 1971, quando Hefez Al-Assad, em meio a Guerra Fria no Oriente Médio, organizou um golpe para derrubar o então presidente Nureddin al-Atassi que governava em conjunto com o Secretário Geral Salah Jadid, após desavenças na Guerra de seis dias contra Israel que tinha forte apoio dos Estados Unidos.

Hefez Al-Assad organizou uma reforma conhecida como “Movimento Corretivo”, incentivando a iniciativa privada, centralizando o poder e propondo uma aliança pan-árabe contra Israel.

Entre 1979 e 1982 o país sofreu com uma revolta causada pela Irmandade Muçulmana querendo remover o partido Baath do poder. Após conflitos violentos, a convulsão chegaria ao fim com o “Massacre de Hama”, no dia 02 de fevereiro de 1982. Segundo Robert Fisk (2010), o número de mortos no massacre, coordenado por Rifaat Al-Assad, irmão de Hefez e comandante militar do país no período, foi próximo de 20.000 pessoas. De acordo com Wright (2008), o massacre é "o ato singular mais mortal causado por qualquer governo árabe contra seu próprio povo no Oriente Médio moderno". Rifaat seria exilado em 1984, quando Hefez ficou doente e Rifaat tentou ascender ao poder enquanto seu irmão estava em coma.

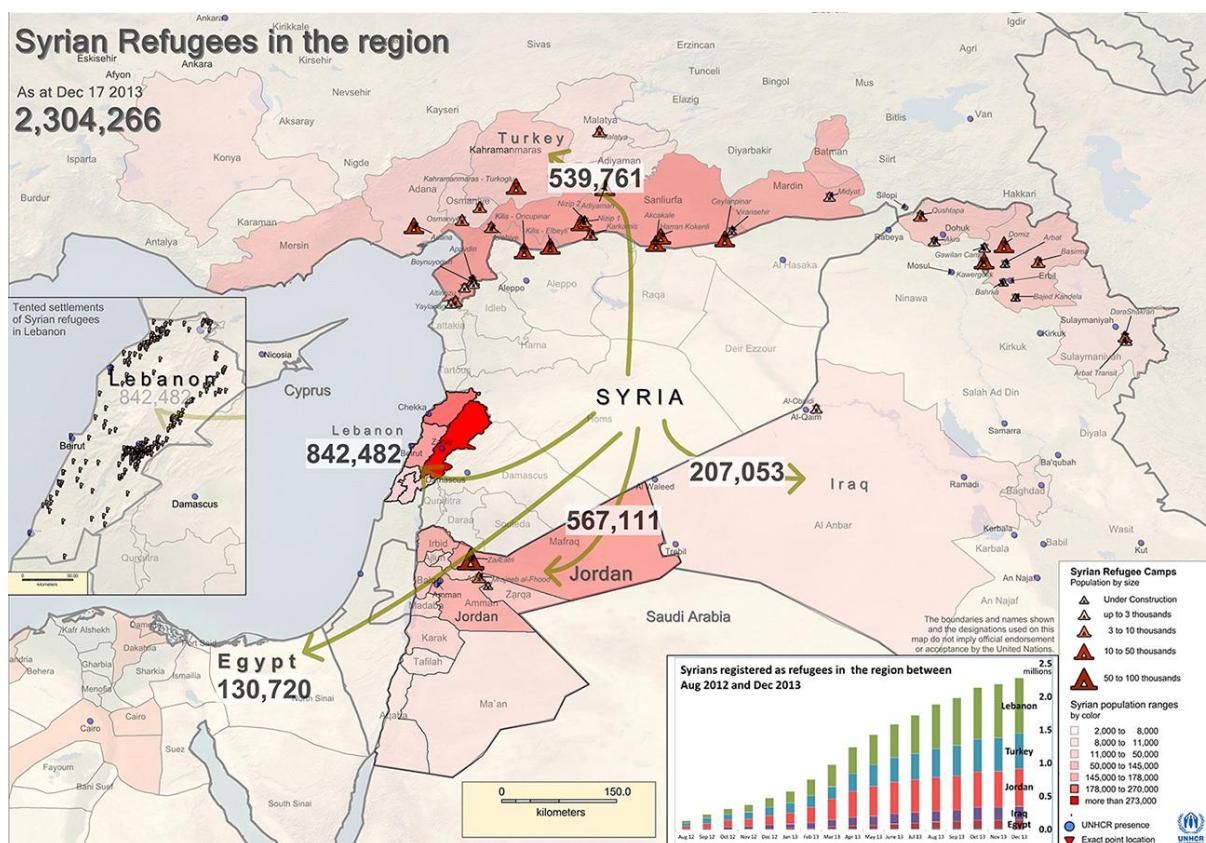
As relações e o diálogo com a Irmandade Muçulmana só melhorariam após Bashar Al-Assad assumir o controle do país com a morte de seu pai. Bashar é o segundo filho de Hefez, que preparou seu filho mais velho Bassel, para sucedê-lo. Bassel era tenente-coronel do exército sírio e tinha doutorado em ciências militares. Em 1991, começou a atuar na política externa da Síria, porém, em 1994, ele seria vitimado em um acidente de carro em Damasco. Bashar que não tinha pretensões de assumir o governo na Síria largou a carreira oftalmológica em Londres e entrou para a academia militar ainda em 1994. Em 1998 assumiu o comando da ocupação síria no Líbano que duraria até 2005. Bashar Al-Assad tornou-se presidente da Síria em 2000, com esperanças de um governo conciliador e reformista, porém, com a guerra civil a opinião internacional sobre ele mudou.

Com o aumento da revolta e a participação de ex-oficiais militares sírios contra o governo no conflito, o povo curdo, com apoio dos Estados Unidos de Barack Obama, criou uma coalizão para garantir sua independência e a criação do Curdistão sírio. Em



março de 2012 o conflito aumenta em conjunto com o número de refugiados sírios em outros países, principalmente no Líbano. Entre junho de 2012 e fevereiro de 2013, o governo sírio sofre uma série de derrotas para os rebeldes apoiados pela Arábia Saudita e com treinamento militar dos Estados Unidos.

Figura 2 - Mapa demonstrando o flux de refugiados sírios em 2013

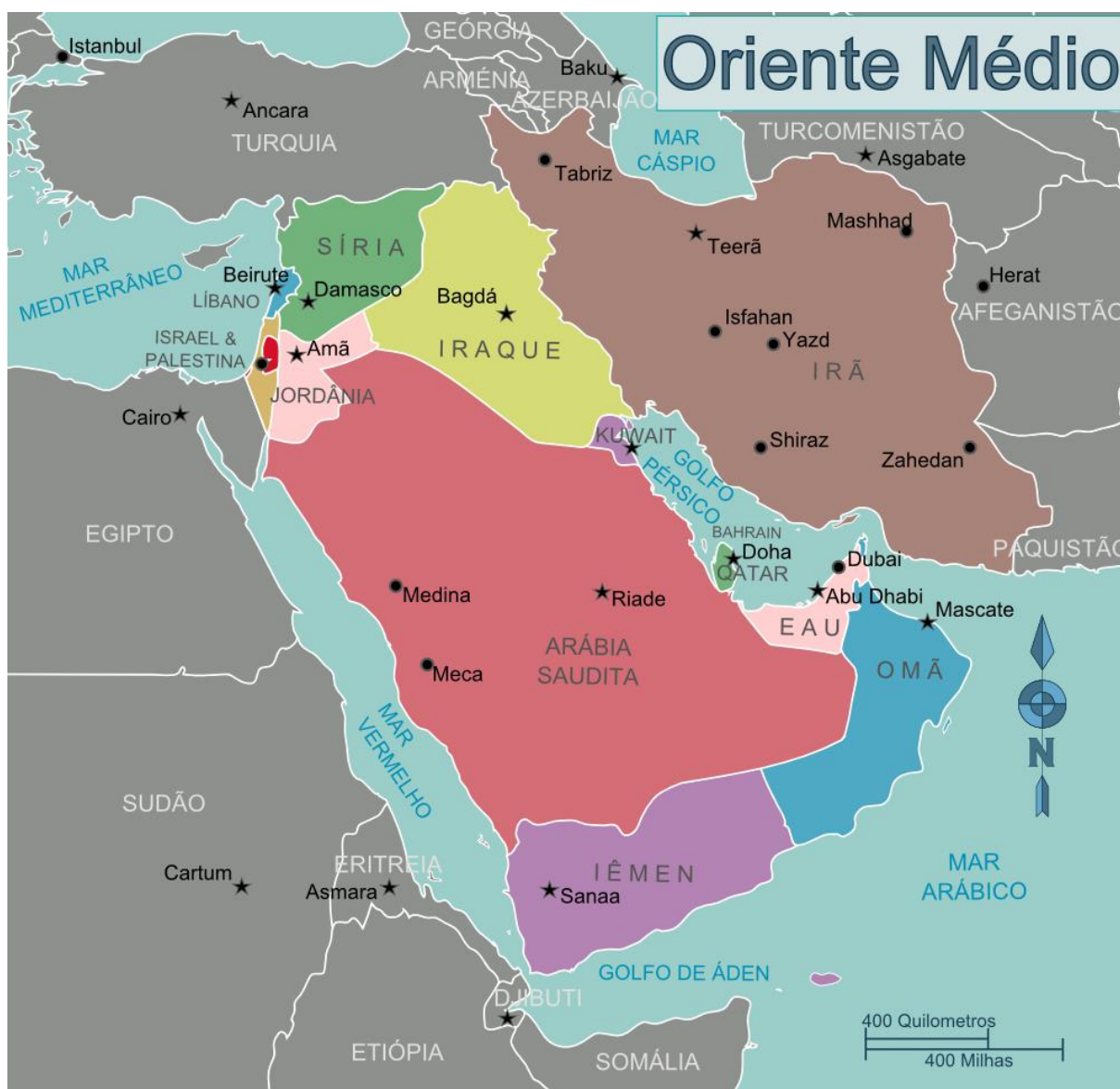


Fonte: UNHCR (2014)

Em abril de 2013, após algumas derrotas no Iraque, o ISIS chega a Síria obtendo uma série de vitórias até outubro de 2014, quando passou a controlar 30% do território do país.

O envolvimento de Obama aumenta na guerra com a participação do ISIS e com os ataques químicos de Gouta, em agosto de 2013. Segundo o jornalista Seymour Hersh, os Estados Unidos sabiam que o ataque ocorreria e que era orquestrado pela Turquia. Após o ataque o governo sírio iniciou o processo de desmantelamento de todo o arsenal químico do país.

Figura 3 - Mapa político do Oriente Médio



Fonte: Politize! (2017)

Com o aumento da participação estadunidense na guerra, a Rússia estreita as relações com Assad e apoia o exército sírio com suplementos, armamentos e treinamento de tropas. O confronto entre Rússia e Estados Unidos altera as relações militares na guerra. Os Estados Unidos apoiando os curdos e rebeldes, vai contra os interesses da Turquia, também membro da OTAN e que almeja controlar os territórios curdos na Síria.

Em dezembro de 2013, um braço da Al-Qaeda surge na região do Levante, combatendo o Estado Islâmico. Esse se torna o foco da guerra e todas as coalisões

priorizam o combate ao ISIS, que é derrotado em dezembro de 2017, mantendo apenas três regiões sob controle em abril de 2018.

O governo sírio só consegue retomar a ofensiva contra os rebeldes em fevereiro de 2017. Em março, os curdos com apoio incomum de Assad tomam Rojava do ISIS, permitindo que as tropas do governo iniciem a retomada de Aleppo e Damasco.

Em abril de 2017, os Estados Unidos, já sob o governo de Donald Trump, bombardeiam bases aéreas na Síria. O atrito entre os países aumenta e a Rússia estreita as suas relações com a Turquia, diminuindo o apoio turco aos rebeldes, focando suas tropas ao combate aos curdos ao norte.

Entre abril de 2017 e maio de 2018, as relações se consolidam com a Rússia e o Irã atuando contra os rebeldes apoiados pela Arábia Saudita e os Estados Unidos. Os curdos majoritariamente atuam contra os rebeldes e os turcos, que por sua vez, tomam o controle dos territórios conquistados pelos rebeldes para não permitir o avanço das tropas de Assad.

Em 7 de abril de 2018, um suposto ataque químico serviu como motivo para a coalizão entre Estados Unidos, Reino Unido e França lançarem 105 mísseis na madrugada de 14 de abril de 2018. Os alvos seriam as produções de armas químicas da Síria. No dia seguinte, o ataque foi tido como uma derrota do ocidente contra o Oriente Médio. Segundo a Rússia, apenas 22 mísseis acertaram os alvos e 66 foram completamente interceptados.

A guerra civil na Síria continua em maio de 2018, com as tropas de Assad retomando o controle completo de Damasco pela primeira vez desde o início do conflito e o enfraquecimento dos rebeldes.

#### **4.4. Definição de terrorismo**

Em meio ao contexto da Guerra ao Terror presente desde o início do século XXI, é importante definido um conceito sobre o terrorismo, que é banalizado constantemente pela mídia.

Segundo o dicionário Oxford, a definição de terrorismo é: “O uso ilegal de violência e intimidação, especialmente contra civis, na busca de objetivos políticos”. O termo foi sendo banalizado a partir de uma visão essencialmente estadunidense, perpetuando o seu uso contra aqueles que vão contra os seus interesses. Quando o

governo de George W. Bush criou o chamado “Eixo do mal”, e relacionou Cuba e Coreia do Norte a países árabes como inimigos, podemos concluir que os países que não compactuam com o status quo imposto pelo ocidente são os alvos de uma “Cruzada moderna” liderada pelos Estados Unidos, visando ampliar sua área de influência.

O uso da mídia, por si só, para perpetuar seus interesses é passível de ser interpretado como terrorismo se for levado em conta a definição de terrorismo do dicionário Oxford. Além disso, as invasões aos países no Oriente aconteceram sem autorização da ONU, deixando assim, ainda mais claro que o uso de violência e intimidação aos povos do Oriente Médio é um ato de terrorismo praticado também pelos Estados Unidos por mais uma década.

Essa questão nos leva ao capítulo seguinte em que se procura desvendar como funcionaram as eleições recentes nos Estados Unidos com o intuito de verificar se existe manipulação no processo e quem seria o beneficiado.

O que resulta na adoção, posteriormente ao processo eleitoral, de políticas agressivas, que como já visto, criam versões hegemônicas se apoiando em notícias nem sempre comprometidas com o esclarecimento dos fatos, mas com versões alinhadas com os interesses das potências globais.

## 5. AS FAKE NEWS NAS ELEIÇÕES RECENTES DOS ESTADOS UNIDOS

As fake news se tornaram ferramenta de influência política nas redes sociais, a atuação mais famosa é a do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, que mantém sua conta pessoal no twitter além da conta oficial do presidente dos Estados Unidos a POTUS (President Of The United States).

As duas têm diferenças bem definidas. Em sua conta pessoal, Trump constantemente ataca seus adversários políticos e utiliza um tom agressivo. Já a conta oficial da presidência publica somente *retweets* institucionais da conta pessoal de Donald Trump e de outros membros do governo. O atual presidente dos Estados Unidos é utilizador assíduo das redes sociais e posta diariamente em seu twitter.

Frequentemente o termo “fake news” é utilizado por ele para atacar a imprensa e se defender de acusações. Somente no mês de maio de 2018, até o dia 20, o termo já havia sido utilizado cinco vezes. Na conta POTUS de Trump, apenas três posts contém o termo. Os três foram postados entre 26 de fevereiro e 18 de março, época em que Donald Trump ainda postava na conta oficial.

Além de utilizar termos no superlativo, em uma clara manobra populista, Trump constantemente entra em embates com a CNN utilizando as fake news como forma de ataque.

Em janeiro de 2018, um estudo publicado no *European Research Council* (ERC) mostrou dados de uma pesquisa online realizada nos Estados Unidos entre os dias 7 de outubro e 14 de novembro de 2016 para descobrir a variação de postagens e consumo de notícias falsas no período das eleições presidenciais no país.

Segundo a pesquisa, 27,4% dos estadunidenses acima dos 18 anos visitaram um site pró-Trump ou pró-Hillary Clinton. Tal número corresponde a mais de 65 milhões de votantes. Em média, cada pessoa teve acesso a 5,45 artigos de sites de notícias mentirosas no período, dos quais, 5,0 eram pró-Trump. Dentre os eleitores de Trump, 40% leram pelo menos um artigo pró-Trump em um site de notícias falsas.

Como já dito pelos Velles Boys, os seguidores de Trump são mais suscetíveis a acreditar em notícias falsas. Emily Ekins, especialista em eleições nos Estados Unidos, traçou o perfil do eleitor de Trump e concluiu que podem ser identificados cinco tipos diferentes de eleitorado. Segundo Ekins, não existe “um tipo de eleitor de Trump” ou quem votou nele por uma razão singular. Muitos votaram pelas medidas

populistas (como o slogan do MAGA) e contra Hillary. Os cinco tipos de eleitores de Trump são:

- **Conservadores firmes (31%):** Conservadores que tradicionalmente são eleitores do partido Republicano. Desde as primárias viram Trump como uma opção mais favorável do que Ted Cruz. O perfil deles mostra serem pessoas um pouco mais velhas, majoritariamente homens, de classe média alta e com níveis razoáveis de instrução. Formam um dos grupos mais conscientes e com bom conhecimento dos fatos políticos. Pode ser considerado como o grupo mais suscetível a ter armamento próprio e não são tão rígidos contra a imigração, porém, se preocupam particularmente com a imigração muçulmana. Apesar de não demonstrarem atitudes racistas, acham que a discriminação contra os brancos pode se tornar um problema e que para ser um “bom americano” deve ser um morador os Estados Unidos e ser cristão.

Por estarem em uma camada social mais alta dentre os estadunidenses comuns, consideram que uma taxaçoão por renda e um sistema de saúde público não devem existir. Eles se preocupam pouco com a possibilidade de o sistema ser manipulado e também assumem posiçoões conservadoras convencionais sobre o meio ambiente e sobre questões culturais como o casamento entre pessoas do mesmo sexo.

- **Liberais (25%):** Eles têm posiçoões que podem ser identificadas entre moderadas a liberais em questões como a imigração e a raça. Seu voto foi principalmente contra Clinton e não pró-Trump. Embora sejam um grupo de voto republicano leal, os liberais eram os mais cétricos em relação a Trump. Uma minoria votou nele nas primeiras primárias, enquanto Ted Cruz era seu favorito. Os liberais são majoritariamente homens de meia-idade, os mais instruídos e mais bem pagos dentre todos os eleitores nos Estados Unidos.

Eles são os mais propensos a trabalhar em tempo integral, possuir casa própria e ter seguro de saúde privado. Constituem o agrupamento mais cosmopolitas, tem maior convívio com as pautas LGBT, e eles são menos propensos a assistir televisão para se informar. Assim como os conservadores firmes, compõem um dos grupos de eleitores mais envolvidos e informados politicamente. Quase 100% deles acreditam que o livre mercado resolve os problemas econômicos complexos e se manifestam contrários a um governo forte. No entanto, mostram posicionamentos mais liberais

quando se trata de questões como a imigração e a identidade. A imigração não é sua prioridade; eles aceitam os imigrantes, mas também apoiam um maior controle para as viagens de muçulmanos aos Estados Unidos. A questão racial não é importante para eles, e eles tem opiniões semelhantes aos democratas em relação aos membros de grupos minoritários.

- **Preservacionistas (20%):** Tendem a ser economicamente os mais progressistas e acreditam que os sistemas econômico e político são fraudados pelos governantes. Embora sejam republicanos menos leais do que outros grupos eleitorais de Trump, e quase metade deles tenha tido opiniões positivas sobre Clinton em 2012, os Preservacionistas foram os que o impulsionaram a vitória de Trump nas primeiras primárias republicanas.

Eles têm baixos níveis de educação e os menores rendimentos dentre todos os eleitores estadunidenses. Apesar de dizerem que a religião é "muito importante" para eles, são os menos propensos a frequentar a igreja regularmente. Formam o grupo de eleitores de Trump menos politicamente informados e utilizam a televisão para aceder à informação. Eles têm abordagem mais restritiva sobre imigração, opondo-se firmemente não apenas à imigração ilegal, mas também à legal, e apoiam intensamente uma proibição temporária às viagens de muçulmanos para os Estados Unidos. Acreditam que a discriminação anti-brancos é tão real quanto outras formas de discriminação.

Se parecem mais com os democratas em questões econômicas domésticas, particularmente na distribuição de riqueza da nação, preocupação com os programas de aposentadoria para idosos e animosidade em relação a Wall Street. Eles se sentem impotentes contra os endinheirados e os politicamente conectados e tendem a desconfiar das outras pessoas. Compartilham as opiniões dos liberais sobre o meio ambiente, acreditando que o aquecimento global é uma séria ameaça e que a atividade humana é a principal culpada pelos problemas ambientais.

- **Anti-Elite (19%):** Economicamente progressistas, acreditam que os sistemas econômico e político são manipulados, e assumem posições relativamente mais moderadas sobre imigração, raça e identidade. Têm sentimentos relativamente mais fracos em relação a Donald Trump do que os preservacionistas, e quase metade teve opiniões favoráveis a Clinton em 2012. Este grupo, no entanto, mudou dramaticamente, e se posicionou contra Clinton em outubro de 2016, quando o ataque

a sua imagem pessoal esteve mais forte. Era o grupo menos provável de votar no Partido Republicano. Os anti-elite são eleitores da classe média, formado em boa parte dele por jovens, com níveis moderados de educação. De maneira geral não possuem armas, não vão à igreja e não tem interesse político. Acreditam que a elite se aproveita do sistema contra as pessoas comuns e apoiam o aumento dos impostos sobre os ricos. Assumem posições mais moderadas sobre imigração, raça, identidade, tradicionalismo religioso, o casamento gay e o meio ambiente. Provavelmente são o grupo que mais sofreu manipulação durante o processo eleitoral.

- Os desengajados (5%): Este grupo não entende muito de política, mas se sentem desprovidos de instituições e se manifestam céticos em relação à imigração. São os republicanos mais jovens, o grupo mais feminino e não ligam para religião. Politicamente podem ser considerados pouco informados e têm conhecimento limitado de fatos políticos. Os desengajados não revelam muitas preferências em pesquisas, mas confirmam estarem preocupados com a imigração e apoiam a proibição temporária de viagens muçulmanas. Eles se sentem incapazes de influenciar instituições políticas e econômicas e acreditam que o sistema é tendencioso contra eles.

O eleitorado de Trump abrange todas as classes sociais e apoiam tanto ideias conservadoras quanto progressistas, porém, o populismo e a criação de uma imagem negativa de Hillary Clinton, em 2016, aparecem como fatores em comum entre todos os grupos.

A presença das fake news como fator influente nas eleições de 2016 é inegável. A eleição de Donald Trump, mesmo com a derrota nos setores mais populares, demonstra que o estadunidense comum é consumidor do populismo e do ufanismo.

Tirando proveito desse ufanismo, a prática de construir negativamente a imagem do muçulmano é utilizada na política desde 2001. Todos os grupos apoiam a suspensão, ao menos temporária, das viagens de muçulmanos aos Estados Unidos.

Ainda em janeiro de 2003, o jornalista Thomas Friedman, especialista em Oriente Médio, escreveu para o New York Times dizendo que uma possível invasão ao Iraque seria motivada por petróleo, além de impedir que Saddam ameaçasse um ataque aos Estados Unidos. Na época protestos contra a invasão continham cartazes com os dizeres “Just war ou just oil?”, um trocadilho que em tradução literal significa “Guerra justa ou apenas petróleo?”. O Iraque tem não só grandes reservas, mas



também, diversos dutos de transporte de petróleo, por conta de sua posição estratégica no golfo pérsico. A influência do Irã na região sempre causou atritos com os Estados Unidos que se aproveitou das relações estreitadas, na década de 1960, para combater o avanço soviético na Arábia Saudita para fortalecer o país sunita e criar um adversário ideológico do Irã xiita.

Figura 4 - Mapa dos dutos de transporte de gás e petróleo no Oriente Médio



Fonte: US Energy Information Administration (2018)

Após a retirada estadunidense do Iraque em 2011, o país vive ainda, em 2018, em guerra civil contra o ISIS. O Estado Islâmico do Iraque e da Síria se fortaleceu após incorporar o equipamento militar deixado para trás pelas tropas dos Estados Unidos. A partir desse momento o ISIS deixou de somente realizar atentados e iniciou suas operações militares.

O fortalecimento de extremistas é uma constância dos Estados Unidos. Em 1979 visando impedir o avanço soviético no Afeganistão e conseqüentemente no Oriente Médio, o então presidente dos Estados Unidos Jimmy Carter enviou o conselheiro de segurança nacional Zbigniew Brzezinski para o Paquistão. Brzezinski encontrou nos Mujahidin, que em tradução literal pode ser entendido como “empenhados na Jihad” a melhor oportunidade de minar o avanço soviético. Os Mujahidin receberam apoio financeiro e treinamento de guerrilha da CIA e foi iniciada a chamada operação ciclone, que durou até 1989 quando as tropas soviéticas se retiraram do Afeganistão em um momento próximo ao fim da guerra fria.

Os Mujahidin do Afeganistão criaram a Al-Qaeda, o nome vem do local de treinamento contra os soviéticos. O termo foi popularizado pelos Estados Unidos durante a propaganda da Guerra ao Terror. Antes de 2001, o grupo nunca se pronunciou publicamente como Al-Qaeda, mas como “Frente Islâmica Internacional para a Jihad Contra Judeus e Cruzados”.

O repórter Jason Burke escreveu no The Guardian sobre o “Frankenstein” criado pelos Estados Unidos no Afeganistão em 1999, antes dos atentados de 11 de setembro. Bin Laden já era o terrorista mais procurado do mundo. O saudita, chegou ao Afeganistão aos 22 anos e se especializou em logística durante a Jihad recebendo treinamento dos Estados Unidos.

Os Estados Unidos fortaleceram o Iraque de Saddam, os jihadistas afegãos, o ISIS, posteriormente no Iraque, e os rebeldes na Síria. A influência direta sobre o Oriente Médio é perpetuada faz mais de uma geração. Os canais oficiais do governo não se pronunciam sobre isso, mas erroneamente acusam países como o Irã de financiar extremistas em campanhas terroristas no ocidente.

A divisão de ideologia entre o ocidente e o oriente visando exercer o controle sobre o povo se reflete na mídia. O Aiatolá do Irã, Ali Khamenei disse, em junho de 2017, que os Estados Unidos não só criaram o ISIS como a guerra contra os extremistas é uma mentira. Já, Donald Trump durante os protestos de Teerã, em janeiro de 2018, publicou em seu Twitter mensagens de apoio ao povo iraniano contra o “seu governo corrupto que apoia o terrorismo”.

As fake news são incentivadas por governos como forma de manutenção de poder. Em setembro de 2017, Trump publicou também em sua conta pessoal que enquanto esteve em Riad conversou com líderes árabes e muçulmanos sobre “os

inimigos em comum” das nações islâmicas e os Estados Unidos. No mesmo período a Arábia Saudita já bombardeava o Yemen em uma guerra que até maio de 2018 teve 12 mil mortos sendo 10 mil civis dentre eles 3 mil crianças.

Ser contra o terrorismo, e ao mesmo tempo se alinhar a um país que está cometendo publicamente atos de terror contra outro é contraditório, e pode ser caracterizado como um modo de divulgação de fake news, ou seja, o próprio presidente dos Estados Unidos produz fake news em suas redes sociais se aproveitando no perfil do seu eleitor como forma de manutenção do poder político.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As fake news se tornaram parte da produção jornalística e são utilizadas de maneiras diversas, dependendo do interesse de quem as produzem. As redações jornalísticas sofrem com a falta de incentivo as técnicas e contratação de profissionais em detrimento da maximização do lucro e a veiculação do grotesco.

A diminuição das redações causa uma brecha que foi aproveitada por quem produz as notícias falsas para aprimorar um conceito de forma mercadológica e política. Em maio de 2018 o Brasil rechaçou as agências de checagem de fatos, acusando-as de ter um cunho ideológico, no caso a esquerda. Podemos concluir que a direita utiliza de maneira mais acentuada a divulgação das fake news nas redes sociais e aplicativos de mensagens.

Como dito pelos Velles Boys da Macedônia, o eleitor de Trump é mais propenso a consumir as notícias mentirosas do que os candidatos de partidos menos conservadores. No Brasil não é diferente, porém, existe uma confusão que se tornou muito clara durante a greve dos caminhoneiros de 2018. Por conta de uma rejeição midiática muito forte ao governo do PT, entre 2002 e 2016, eventos negativos são relacionados à esquerda. O próprio general Villas Boas que se posicionou de maneira firme favorável a prisão do ex-presidente Lula um mês antes, foi atacado por grupos de extrema direita como “comunista” por conta de o Exército Brasileiro não estar nas ruas.

As fake news criam uma desinformação contrária à proposta do jornalismo imparcial, apesar de não ser isento de opinião, deturpar fatos ou criar afirmações inverídicas não trazem nada de positivo à prática comunicacional.

Aproveitando-se dessa facilidade para deturpar os fatos em um fenômeno que atinge todo o mundo, políticos e líderes trocam acusações e atacam governos que não contam com a mesma influência política e econômica como forma de aumentar ainda mais a vantagem e uma dominância imperialista contra essas nações.

Os Estados Unidos influenciam de maneira direta o Oriente Médio desde 1949, quando orquestraram um golpe de estado na Síria. A Síria estar em uma guerra civil com milhões de refugiados quase 70 anos depois é um reflexo de como a região não consegue ficar em paz.

A Guerra Fria traz consequências até os dias atuais, as zonas de influência permanecem polarizadas entre os Estados Unidos no Ocidente, e a Rússia e potências locais como o Irã, no Oriente.

A influência estadunidense no Oriente Médio foi um dos fatores que permitiu a criação de grupos extremistas treinados e bem equipados para causar atentados terroristas no ocidente, ou até mesmo na própria região, como acontece no Iémen.

Osama Bin Laden foi treinado por tropas estadunidenses para combater os soviéticos na década de 80. Menos de 20 anos depois foi o responsável por organizar o maior atentado terrorista em território ocidental.

Uma prática jornalística correta sobre os eventos internacionais pode evitar invasões em países com menor influência, provando que informações não provadas são mentirosas e assim salvando gerações e protegendo os direitos humanos, ao contrário da produção de notícias falsas, que auxilia a propagação de mentiras, aumento assim a xenofobia, a tolerância a outras culturas e a empatia aos povos que sofrem com um terrorismo diário.

Assim, como outros temas sensíveis na internet, o sistema judiciário não está pronto para lidar com as questões como a fake news sem antes entender sua produção e reflexos sociais e econômicos, inclusive como modo de ferir a democracia.

A sociedade precisa ser preparada para, ao receber uma notícia ou postagem de pessoas ou órgãos públicos em redes sociais, conseguir identificar os padrões utilizados na produção das fake news e em sua divulgação. Como reconhecer as fontes, o veículo onde a postagem é feita e a credibilidade da pessoa ou jornalista.

Defender as agências de checagem, ao invés de atacá-las, pode ser um começo e esse incentivo deve partir da mídia, defendendo a produção de notícias de maneira ética e informativa para impedir que mais vidas sejam destruídas em regiões como o Oriente Médio e a África.

## 7. REFERÊNCIAS

- BALL-ROKEACH, S. J.; M. DeFLEUR "A dependency model of mass media effects." *Communication Research* 3. 1976. Google Scholar, SAGE Journals, ISI.
- BOURDIEU, P. O Poder Simbólico. Tradução de Fernando Tomaz. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- CASTELLS, M. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTELLS, M. O Poder da Comunicação. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- CHOMSKY, N. Reflections on 9-11" *Aftonbladet*, Sweden: 2002.
- CHOMSKY, N.; HERMAN, E. S. Manufacturing Consent. The Political Economy of the Mass Media. New York: Pantheon Books, 1988.
- Cresce ódio ao jornalismo, diz organização Repórteres sem Fronteiras. EBC. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-04/cresce-odio-ao-jornalismo-diz-organizacao-reporteres-sem-fronteiras>>. Acesso em: 26. abril. 2018.
- Fake news. It's complicated. First Draft. Disponível em: <<https://firstdraftnews.org/fake-news-complicated>>. Acesso em: 10. maio. 2018.
- GUESS, A; NYHAN, B. E REIFLER, J. Selective Exposure to Misinformation: Evidence from the consumption of fake news during the 2016 U.S. presidential campaign. Brussels. ERC. 2018.
- Grupos de família são os principais multiplicadores de fake news no WhatsApp. Canal Tech. Disponível em: < <https://canaltech.com.br/internet/grupos-de-familia-sao-os-principais-multiplicadores-de-fake-news-no-whatsapp-112304/>>. Acesso em: 30. abril. 2018.
- KATZ, E. Media events: The sense of occasion. *Studies in Visual Anthropology*, 6. ed traduzida em português. Acontecimentos mediáticos: O sentido da ocasião. 1993.
- KATZ, E. The end of journalism? Notes on watching the war. *Journal of Communication*, e. 42. 1992.
- KATZ, E.; BLUMLER, J. G. e GUREVITCH, M. Usis y gratificaciones de la comunicación de masas. Barcelona: Gustavo Gili, 1985.
- KATZ, E. e LAZARSELD, P. F. Influencia personal. El individuo en el proceso de comunicación de masas. Barcelona: Hispano-Europea, 1979.
- RUBLECKI, A. Teorias do Jornalismo: Questões Exploratórias em Tempos Pós-massivos. Caxias do Sul. Intercom. 2010.

Russia accuses U.S. of backing Syrian rebels who use poison gas on civilians. Reuters. Disponível em: <<https://uk.reuters.com/article/uk-mideast-crisis-syria-russia/russia-accuses-u-s-of-backing-syrian-rebels-who-use-poison-gas-on-civilians-idUKKCN10F1ZN>>. Acesso em: 18. abril. 2018.

SANTAELLA, L.; LEMOS, R. Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter. São Paulo: Paulus, 2010.

SCHUDSON, M. Discovering the News: A Social History of American Newspapers. New York: Basic Books. 1978.

SCHUDSON, M. Por que é que as notícias são como são. *Jornalismo — Comunicação e Linguagens*, 8: 17-27. 1988.

SCHUDSON, M. The Power of News. Cambridge: Harvard University Press. 1996.

SCHUDSON, M. What time means in a news story. *Gannett Center Occasional Papers*, 4. 1986.

Smartphones estão nas mãos de 62% dos brasileiros, diz Google. Folha de S.Paulo. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2018/01/26/politics/trump-fake-news-mueller-analysis/index.html>>. Acesso em: 11. maio. 2018.

Sorry, Mr. President, the 'fake news' excuse isn't good enough anymore. CNN. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/tec/2017/02/1862362-smartphones-estao-nas-maos-de-62-dos-brasileiros-diz-google.shtml>>. Acesso em: 30. abril. 2018.

SOUSA, J. P. A Guerra do Golfo na imprensa portuguesa de grande expansão. Porto. 1999.

SOUSA, J. P. As notícias e os seus efeitos: As “teorias” do jornalismo e dos efeitos sociais dos media jornalísticos. Porto. 1999.

SOUSA, J. P. Fotojornalismo Performativo. O Serviço de Fotonotícia da Agência Lusa de Informação. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela. Edição portuguesa - Porto: Universidade Fernando Pessoa. 1998.

SOUSA, J. P. Incógnitas da Incerteza. Reflexões Sobre Jornalismo e Comunicação Humana a Propósito da Guerra do Golfo. Porto. 1999.

SOUSA, J. P. O mundo, unido, jamais será vencido: A cobertura imagética da Guerra do Golfo na imprensa portuguesa de grande expansão. Porto. 1999.

10 Times Trump Spread Fake News. New York Times. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/interactive/2017/business/media/trump-fake-news.html>>. Acesso em: 10 maio. 2018.

Ten journalists among 36 killed in Afghanistan attacks. The Guardian. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2018/apr/30/kabul-explosions-hit-city-centre-attack>>. Acesso em: 2. maio. 2018.

Tomgram: Noam Chomsky, The Imperial Mentality and 9/11. Tom Dispatch. Disponível em: <[http://www.tomdispatch.com/post/175436/tomgram:\\_noam\\_chomsky,\\_the\\_imperial\\_mentality\\_and\\_9\\_11](http://www.tomdispatch.com/post/175436/tomgram:_noam_chomsky,_the_imperial_mentality_and_9_11)>. Acesso em: 2. maio. 2018.

TRAQUINA, N. A Tribo Jornalística: Uma Comunidade Transnacional. Lisboa: Editorial Notícias. 2004.

TRAQUINA, N. As notícias. *Jornalismos — Comunicação e Linguagens*, ed. 8. 1988.

TRAQUINA, N. *Jornalismo: Questões, Teorias e "Estórias"*. Lisboa: Vega. 1993.

TRAQUINA, N. *O Poder do Jornalismo. Análise e Textos da Teoria do Agendamento*. Coimbra: Minerva. 1997.

TUNSTALL, J. *The Media Are American*. Londres: Constable. 1977.

WOLF, M. *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Presença. 1987.

WOLF, M. *Teorias da Comunicação de massa*. Tradução Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

WRIGHT, ROBIN. *Dreams and Shadows: the future of the Middle East*. Penguin. 2008.